

Clássicos da Literatura Brasileira

Casa Velha

Machado de Assis

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Casa Velha

Machado de Assis

Casa Velha

Machado de Assis

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editor

Lécio Cordeiro

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3c Queiroz, Malthus de, 1976-
Casa velha / Machado de Assis ; adaptação Malthus de
Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife :Prazer de
Ler, 2012.
96p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1.FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.
Assis, Machado de , 1839-1908.II. Schloesser, Eduardo, 1962-.
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-197-9

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Casa Velha

Sumário

Capítulo I.....	9
Capítulo II.....	19
Capítulo III.....	33
Capítulo IV	45
Capítulo V.....	52
Capítulo VI	64
Capítulo VII	73
Capítulo VIII	80
Capítulo IX.....	83
Capítulo X.....	89

Capítulo I

Antes e depois da missa

Aqui está o que um velho padre da Capela Imperial contava, há muitos anos:

— Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então, tinha desperdiçado algum talento em décimas e sonetos¹, muitos artigos de jornais e alguns sermões, que dava a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis

¹ Décima: poema ou parte de um poema composta de dez versos. Soneto: poema composto de quatorze versos, sendo duas estrofes de quatro versos e duas de três.

para a tribuna. No mês de agosto de 1838, li as Memórias que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, chamado o Padre Perereca, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me deu disposição. Achei-o abaixo das expectativas e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer coisa melhor.

Comecei logo a recolher os materiais necessários, jornais, debates, documentos públicos, e a tomar nota de toda a parte e de tudo. No meio de fevereiro, disseram-me que, em certa casa da cidade, eu acharia, além de livros onde poderia consultar, muitos papéis manuscritos, alguns reservados, naturalmente importantes, porque o dono da casa, falecido há muitos anos, havia sido ministro de Estado. Compreende-se que esta notícia me despertasse a curiosidade. A casa, que tinha capela para uso da família e dos moradores próximos, tinha também um padre contratado para dizer a missa aos domingos e confessar pela quaresma²: era o Reverendo Mascarenhas. Fui falar com ele para que conseguisse da viúva a permissão para ver os papéis.

— Não sei se lhe permitirá isso, ele me disse; mas vou ver.

— Por que não permitiria? Claro que só utilizarei o que for possível e com autorização dela.

— Pois, sim, mas é que livros e papéis lá têm grande respeito. Não se mexe em nada que foi do marido, por uma espécie de veneração, que a boa senhora conserva e sempre conservará. Mas, enfim, vou ver e faz-se o que for possível.

Mascarenhas me trouxe a resposta dez dias depois. A viúva começou recusando; mas o padre insistiu, mostrou o que era, disse-lhe que a memória do marido nada perdia do devido respeito consentindo que alguém folheasse uma parte da biblioteca e do arquivo, uma parte apenas; e afinal conseguiu, depois de longa resistência, que me apresentasse lá. Não demorei muito em usar do favor; e no domingo próximo acompanhei o Padre Mascarenhas.

A casa, cujo uso e direção não é preciso dizer, tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era realmente: datava dos fins do outro século. Era uma edificação sólida e grande, nua de detalhes. Eu, desde criança, conhecia sua parte exterior,

² Período de 40 dias que se passa depois da Quarta-Feira de Cinzas, em preparação da Páscoa.



a grande varanda da frente, os dois portões enormes, um especial às pessoas da família e às visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, às carruagens, ao gado que saía para pastar. Além dessas duas entradas, havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que iam ouvir ali a missa aos domingos ou rezar aos sábados.

Foi por esse caminho que chegamos à casa, às sete horas e poucos minutos. Entramos na capela após um raio de sol, que brincava no azulejo da parede interior onde estavam representados vários passos³ da Bíblia. A capela era pequena, mas muito bem tratada. No térreo, à esquerda, perto do altar, uma tribuna servia apenas à dona da casa e às senhoras da família ou hóspedes, que entravam pelo interior; os homens, os criados e vizinhos ocupavam o corpo da igreja. Foi o que me disse o Padre Mascarenhas, explicando tudo. Chamou minha atenção para os castiçais de prata, para as toalhas finas e muito alvas, para o chão em que não havia uma palha.

— Todos os detalhes são assim, concluiu ele. E este confessorário? Pequeno, mas uma beleza.

Não havia coro nem órgão. Já disse que a capela era pequena; em certos dias, a concorrência à missa era tal que até no degrau da porta fiéis vinham se ajoelhar. Mascarenhas me faz notar à esquerda da capela o lugar em que estava sepultado o ex-ministro. Tinha-o conhecido, pouco antes de 1831, e ele me contou algumas particularidades interessantes; falou-me também da piedade e saudade da viúva, da veneração que ela tinha pela memória dele, dos objetos raros que guardava, das referências frequentes a ele nas conversas.

— Lá na biblioteca, verá o retrato dele, disse-me.

Começaram a entrar na igreja algumas pessoas da vizinhança, em geral pobres, de todas as idades e cores. Alguns dos homens, depois de benzidos e rezados, saíam, outra vez, para esperar a hora da missa do lado de fora, conversando. Vinham também escravos da casa. Um destes era o próprio sacristão;

³ Conjunto das 14 cenas que compõem a Paixão de Cristo.

tinha a seu encargo não só a guarda e limpeza da capela, mas também ajudava na missa e, tirando a pronúncia do latim, com muita perfeição. Fomos achá-lo diante de um grande móvel de jacarandá antigo, com argolas de prata nas gavetas, concluindo os arranjos preparatórios. Na sacristia, entrou logo depois um moço de vinte anos mais ou menos, simpático, fisionomia meiga e franca, a quem o Padre Mascarenhas me apresentou; era o filho da dona da casa, Félix.

— Já sei, ele disse sorrindo, mamãe me falou de V. Rev.^{ma}⁴. Vem ver o arquivo de papai?

Confiei-lhe rapidamente a minha **ideia**, e ele me ouviu com interesse. Enquanto falávamos, outros homens vieram de dentro, um sobrinho do dono da casa, Eduardo, também de vinte anos, um velho parente, Coronel Raimundo, e uns dois ou três hóspedes. Félix apresentou-me a todos, e, durante alguns minutos, fui naturalmente objeto de grande curiosidade. Mascarenhas, vestido para a celebração e de pé, com o cotovelo na borda da cômoda, ia dizendo alguma coisa; ouvia mais do que falava, com um sorriso antecipado nos lábios, voltando a cabeça muitas vezes para um ou outro. Félix o tratava com bondade e até grande consideração; pareceu-me inteligente, sincero e modesto. Os outros apenas faziam coro. O coronel não fazia nada mais que confessar que tinha fome; tinha acordado cedo e não havia tomado café.

— Parece que está na hora, disse Félix; e, depois de ir à porta da capela: — Mamãe já está na tribuna. Vamos?

Fomos. Na tribuna estavam quatro senhoras, duas idosas e duas moças. Cumprimentei-as de longe e, sem mais **encará-las**, percebi que falavam de mim umas às outras. Felizmente, o padre entrou daí a três minutos, fazendo com que nos ajoelhássemos, e seguiu-se a missa que, por sorte do coronel, foi arrastada. Quando acabou, Félix foi beijar a mão da mãe e da outra senhora idosa, tia dele; levou-me e me apresentou ali mesmo a ambas. Não falamos do meu projeto; apenas a dona da casa me disse delicadamente:

⁴Vossa Reverendíssima, pronome de tratamento usado para padres, bispos e outras autoridades religiosas.

— Vossa Reverendíssima nos dá a honra de almoçar conosco?

Inclinei-me afirmativamente. Não me lembrei sequer de acrescentar que a honra era toda minha.

A verdade é que não sabia o que fazer. Casa, hábitos, pessoas me davam ares de outro tempo, exalavam um cheiro de vida clássica. Não era raro o uso de capela particular; o que me pareceu diferente foi a organização daquela, a tribuna de família, a sepultura do chefe, ali mesmo, ao pé dos seus, fazendo lembrar as sociedades primitivas em que nascia a religião doméstica e o culto privado dos mortos.

Logo que as senhoras saíram da tribuna, por uma porta interior, voltamos à sacristia, onde o Padre Mascarenhas esperava com o coronel e os outros. Da porta da sacristia, passando por um saguão, descemos dois degraus para um pátio, vasto, calçado de pedra, com uma cisterna no meio. De um lado e do outro, corria uma varanda, ficando à esquerda alguns quartos, e à direita a cozinha e a copa.

Negras e moleques me olhavam curiosos, e creio que sem espanto, porque naturalmente a minha visita era desde alguns dias a preocupação de todos. Realmente, a casa era uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias, ao contrário dos ditados populares, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das coisas, tudo quieto e patriarcal.

D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita discrição, calma e justiça. Nascera dona de casa; e, nem mesmo no tempo em que a vida política do marido e a entrada deste nos conselhos de Pedro I podiam tirá-la desse lugar escondido e da escuridão, só a custo e raramente os deixou. Assim é que, em todo o tempo de ministério do marido, apenas duas vezes foi ao prédio da câmara. Era filha de Minas Gerais, mas foi criada no Rio de Janeiro, naquela mesma Casa Velha, onde casou, onde perdeu o marido e onde nasceram seus filhos — Félix e uma menina que morreu com três anos. A casa tinha sido construída pelo avô, em 1780, voltando da Europa, de onde trouxe ideias e costumes da nobreza; e foi ele, e parece



SCHLESSER

que também a filha, mãe de D. Antônia, quem deu a esta a pontazinha de orgulho que se podia notar nela e quebrava a unidade do temperamento desta senhora, essencialmente simples. Observei isso de algumas piadas que ela me contou de ambos, no tempo do rei. D. Antônia era mais baixa que alta, magra, de boa aparência, vestida com simplicidade e respeito; devia ter entre quarenta e seis e quarenta e oito anos.

Poucos minutos depois estávamos almoçando. O coronel, que afirmava, rindo, ter um buraco de um palmo no estômago, nem por isso comeu muito, e, durante os primeiros minutos, não disse nada; olhava para mim, distraído, e, se dizia alguma coisa, era baixinho, às duas moças, filhas dele; mas compensou no fim e não conversava mal. Félix, eu e o Padre Mascarenhas falávamos de política, do ministério e dos sucessos do Sul. Notei desde logo, no filho do ministro, a qualidade de saber escutar e de discordar parecendo aceitar o conceito do outro, de tal modo que, às vezes, a gente recebia a opinião devolvida por ele e pensava ser a mesma. Outra coisa que me chamou a atenção foi que a mãe, percebendo o prazer com que eu falava ao filho, parecia encantada e orgulhosa.

Compreendi que ela tinha herdado as naturais esperanças do pai, e redobrei a atenção com o filho. Fiz isso sem esforço; mas pode ser também que entrasse, naquilo, a necessidade de captar toda a afeição da casa, por causa do meu projeto.

Foi só depois do almoço que falamos do projeto. Passamos à varanda, que se ligava com a sala de jantar e dava para um grande terreno; era toda cheia de ladrilho e tinha o teto sustentado por grossas colunas de pedra. D. Antônia me chamou, sentei-me ao pé dela, com o Padre Mascarenhas.

— Reverendíssimo, a casa está às suas ordens, ela me disse. Fiz o que o Sr. Padre Mascarenhas me pediu, e a muito custo, não porque lhe ache uma pessoa capaz, mas porque os livros e papéis de meu marido, ninguém mexe neles.

— Acredite que agradeço muito...

— Pode agradecer, ela interrompeu sorrindo; não faria isso a outra pessoa. Precisa ver tudo?

— Não posso dizer se tudo; depois de um rápido exame,



SCHLOSSER

vou saber mais ou menos o que preciso. E vossa excelência também deve ser um livro para mim, e o melhor livro, o mais íntimo...

— Como?

— Espero que me conte algumas coisas, que devem ter ficado escondidas. As histórias se fazem em parte com as notícias pessoais. Vossa excelência, esposa de ministro...

D. Antônia deu de ombros⁵.

— Ah!, eu nunca entendi de política; nunca me meti nessas coisas.

— Tudo pode ser política, minha senhora; uma piada, um dito, qualquer coisa de nada pode valer muito.

Foi neste ponto que ela me disse o que me referi acima; vivia em casa, saía pouco e só foi ao ministério duas vezes. Confessou até que da primeira vez teve muito medo e só o perdeu por se lembrar a tempo de um dito do avô.

— Saí de casa tremendo. Era dia de festa, ia vestida ao palácio; pelas janelinhas do carro via muita gente olhando parada. Mas, quando me lembrava que tinha de cumprimentar o imperador e a imperatriz, confesso que o coração batia forte. Ao descer do carro, o medo cresceu e ainda mais quando subi as escadas do palácio. De repente, lembrei-me um dito de meu avô. Meu avô, quando o rei chegou aqui, levou-me para ver as festas da cidade e, como eu, ainda mocinha, impressionada, lhe dissesse que tinha medo de encarar o rei, se ele aparecesse na rua, olhou para mim e disse com um modo muito sério que ele tinha às vezes: “Menina, uma Quintanilha não treme nunca!”. Foi o que fiz, lembrei-me que uma Quintanilha não tremia, e, sem tremer, cumprimentei Suas Majestades.

Rimos todos. Eu, de minha parte, declarei que aceitava a explicação e não lhe pediria nada; e depois falei de outras coisas. Parece que estava disposto, ou então a conversa da viúva tinha me estimulado. Veio o filho, veio o cunhado, vieram as moças, e posso afirmar que deixei a melhor impressão em todos; foi o que o Padre Mascarenhas me confirmou alguns dias depois, e foi o que notei por mim mesmo.

⁵Fez um gesto de quem não dá importância ao que está sendo dito.

Capítulo II

Antes de me despedir deles, fui ver a biblioteca. Era uma vasta sala, dando para a chácara, por meio de seis janelas de grade de ferro, abertas de um só lado. Todo o lado oposto estava forrado de estantes, repletas de livros. Estes eram, na maior parte, antigos, e muitos in-fólio⁶; livros de história, de política, de teologia, alguns de letras e filosofia, não raros em latim e italiano. Eu os via, tirava e abria um ou outro, dizia alguma palavra, que o Félix, que ia comigo, ouvia com muito prazer, porque as minhas reflexões acabavam em elogio ao pai, ao mesmo tempo que lhe davam melhor **ideia** de mim.

Esta **ideia** cresceu quando por acaso dei com os olhos na *Storia Fiorentina de Varchi*, edição de 1721. Confesso que nunca

⁶ Livro feito com folhas dobradas ao meio, resultando em quatro faces cada folha.

tinha lido esse livro, nem mesmo o li mais tarde; mas um padre italiano, que eu havia visitado no Hospício de Jerusalém, na antiga Rua dos Barbonos, possuía a obra e tinha me falado da última página, que, em alguns exemplares faltava e que falava do modo loucamente pecador e brutal com que um militar tinha tratado certo bispo.

— Será que o exemplar é incompleto?, eu disse.

— Incompleto?, repetiu Félix.

— Vamos ver, eu continuei, indo para o fim do livro. Não, aqui está. Uma coisa desonrosa: *In quest'anno medesimo nacque un caso...*⁷ Não vale a pena ler; é imundo.

Coloquei o livro no lugar. Sem olhar para o Félix, senti-o dominado. Não confesso este incidente, que me envergonha, a não ser porque, além da decisão de dizer tudo, é importante explicar o poder que desde logo tive naquela casa e especialmente no espírito do moço. Pensaram que eu era naturalmente um sábio, digno de admiração com apenas trinta e dois anos. A verdade é que eu era apenas um homem curioso e que tinha lido muito. Entretanto, como era também discreto, deixei de fazer uma observação que fiz comigo mesmo sobre a relação íntima de coisas religiosas e sem fé, alguns padres de Igreja não longe de Voltaire e Rousseau⁸, e aqui não há nenhum exagero, porque os conhecia, não integralmente, mas no principal que eles deixaram. Quanto à parte que imediatamente me interessava, achei muitas coisas, folhetos, jornais, livros, relatórios, maços de papéis rotulados e postos por ordem, em pequenas estantes, e duas grandes caixas que o Félix me disse estarem cheias de manuscritos.

Havia ali dois retratos, um do finado ex-ministro, outro de Pedro I. Embora a luz não fosse boa, achei que o Félix se parecia muito com o pai, descontada a idade, porque o retrato era de 1829, quando o ex-ministro tinha quarenta e quatro anos. A cabeça era cheia de dignidade, o olhar inteligente, a boca sensual; foi a impressão que me deixou o retrato. Félix não tinha, porém, a primeira nem a última expressão; a semelhança era só no rosto, no corte e na vida dos olhos.

⁷ Em tradução livre: “No mesmo ano surgiu um caso...”.

⁸ Voltaire, filósofo francês, criticou várias vezes a obra de Rousseau.

— Aqui está tudo, Félix me disse; aquela porta dá para uma saleta, onde poderá trabalhar, quando quiser, se não preferir aqui mesmo.

Já disse que saí de lá encantado e que os deixei igualmente encantados comigo. Comecei os meus trabalhos de investigação três dias depois. Só então revelei a Monsenhor Queirós, meu velho mestre, o projeto que tinha de escrever uma história do Primeiro Reinado. E revelei isso a ele com o único fim de lhe contar as impressões que tinha trazido da Casa Velha e confiar as minhas esperanças de algum achado de valor político. Monsenhor Queirós abanou a cabeça, desconsolado. Era um bom filho da Igreja, que me ajuda a ser o que sou, menos a tendência política, apesar de que no tempo em que ele surgiu muitos servidores da Igreja também o eram do Estado. Não aprovou a **ideia**, mas não gastou tempo tentando me convencer do contrário. “Contanto”— ele me disse — “que você não prejudique sua mãe, que é a Igreja. O Estado é um padrasto”.

A meu cunhado e minha irmã, que sabiam do projeto, apenas contei o que tinha se passado na Casa Velha; ficaram contentes, e minha irmã me pediu que a levasse lá, alguma vez, para conhecer a casa e a família.

Na quarta-feira comecei a pesquisa. Vi então que era mais fácil projetá-la, pedi-la e obtê-la do que realmente executá-la. Quando me achei na biblioteca e no gabinete ao lado, com os livros e papéis à minha disposição, senti-me constrangido, sem saber por onde começar. Não era uma casa pública, arquivo ou biblioteca, era um lugar onde, com relação a papéis e manuscritos, podia dar com alguma coisa privada e doméstica. Pedi ao Félix que me auxiliasse e lhe disse, até com franqueza, a causa do meu acanhamento. Ele respondeu de forma educada que tudo estava em boas mãos. Insistindo eu, aceitou me servir (palavras suas) de sacristão; pedia, porém, licença naquele dia porque tinha de sair; e, na semana seguinte, desde terça-feira até sábado, estaria ocupado. Voltaria sábado à noite e, daí até o fim, estava às minhas ordens. Aceitei este convênio.

Ocupei os primeiros dias na leitura de jornais e folhetos. Conhecia alguns deles, outros não, e estes não eram os menos

interessantes. Logo no dia seguinte, Félix me acompanhou nesse trabalho e daí em diante até seguir para suas tarefas. Eu, em geral, chegava às dez horas, conversava um pouco com a dona da casa, as sobrinhas e o coronel; o primo Eduardo tinha ido para São Paulo.

Falávamos das coisas do dia, e, poucos minutos depois, nunca mais de meia hora, recolhia-me à biblioteca com o filho do ex-ministro. Às duas horas, em ponto, era o jantar. No primeiro dia recusei, mas a dona da casa me declarou que era a condição do favor prestado. Ou jantaria com eles, ou perdia a licença. Tudo isso com tão boa cara que era impossível teimar na recusa. Jantava. Entre três e quatro horas descansava um pouco e, depois, continuava o trabalho até anoitecer.

Um dia, quando o Félix ainda estava ocupado, D. Antônia foi falar comigo, com a desculpa de ver o meu trabalho, que não lhe interessava nada. Na véspera, ao jantar, disse-lhe que gostaria muito de ver as terras da Europa, especialmente França e Itália, e talvez fosse lá daí a meses. D. Antônia, entrando na biblioteca, logo depois de algumas palavras insignificantes, guiou a conversa para a viagem e acabou pedindo que convencesse o filho a ir comigo.

— Eu, minha senhora?

— Não se admire do pedido; eu já reparei, apesar do pouco tempo, que Vossa Reverendíssima e ele gostam muito um do outro, e sei que, se lhe disser isso com vontade, ele aceita.

— Não creio que tenha mais força que sua mãe. Já tentou isso?

— Já, respondeu D. Antônia com uma entonação demorada que exprimia a sua insistência sem efeito. E logo depois com um modo alegre:

— As mães como eu não podem com os filhos. O meu foi criado com muito amor e bastante fraqueza. Já lhe pedi mais de uma vez; ele recusa sempre dizendo que não quer se separar de mim. Mentira! A verdade é que ele não quer sair daqui. Não tem ambições, faz estudos incompletos, não lhe importa nada. Há uns parentes nossos em Portugal. Já lhe disse que fosse **visitá-los**, que eles desejavam vê-lo e que fosse depois à Espanha e

à França e a outros lugares. José Bonifácio esteve lá e contava coisas muito interessantes. Sabe o que ele me responde? Que tem medo do mar; ou então repete que não quer se separar de mim.

— E não acha que esta segunda razão é a verdadeira?

D. Antônia olhou para o chão e disse com voz sumida:

— Pode ser.

— Se é a verdadeira, haveria um meio de arranjar tudo: era irem ambos, e eu com ambos, e para mim seria um imenso prazer.

— Eu?

— Pois então?

— Eu? Deixar esta casa? Vossa Reverendíssima está brincando. Daqui para a cova. Não fui quando era moça, agora que estou velha é que vou me meter em aventuras... Ele, sim, que é rapaz — e precisa...

Tive uma suspeita súbita:

— Minha senhora, pode ser que ele sofra de alguma doença que...

— Não, não, graças a Deus! Digo que precisa porque é rapaz, e meu avô dizia que, para ser homem completo, é preciso ver aquelas coisas por lá. E só por isso. Não, não tem doença nenhuma; é um rapaz forte.

Era impossível, ou, pelo menos, indelicado, tentar obter a razão secreta deste pedido, se havia alguma, como me pareceu. Acabei a conversa dizendo que ia convidar o rapaz. D. Antônia me agradeceu, declarou que não ia me arrepender do companheiro e fez grandes elogios ao filho. Quis falar de outras coisas; ela, porém, teimava no assunto da viagem, para nos familiarizar com a **ideia** e moralmente me obrigar a realizá-la. No dia seguinte, voltou à biblioteca, mas com outra desculpa: veio me mostrar uma caixinha de rapé⁹, que tinha sido do marido e que era, realmente, uma perfeição. Não tive dúvida em lhe dizer isso, e ela acabou me pedindo que a aceitasse como lembrança do finado. Aceitei-a sem jeito; falamos ainda da viagem, duas palavras apenas, e fiquei só.

Não estava contente comigo. Tinha feito uma promessa sem refletir, cuja execução parecia se complicar com circunstâncias

⁹ O consumo de fumo em pó (rapé) no Brasil até o início do século XX era bastante comum.



estranhas e obscuras, provavelmente sérias. A insistência de D. Antônia, as razões, as reticências e finalmente aquele mimo sem outro motivo a não ser me conquistar e me obrigar, tudo isso dava desconfiança. Na noite desse dia, fui à casa do Padre Mascarenhas para sondá-lo; perguntei-lhe se sabia alguma coisa do rapaz, se era vagabundo, se tinha irregularidades na vida. Mascarenhas não sabia nada.

— Até aqui, suponho que é um modelo de sossego e seriedade, concluiu ele. Verdade seja dita que só vou lá aos domingos.

— Mas pelos domingos se tiram os dias santos, respondi rindo.

Félix voltou dois dias depois, num sábado. No domingo não fui lá. Na segunda-feira, falei-lhe da viagem que ia fazer e do desejo que tinha de o levar comigo; respondeu que seria para ele um grande prazer, se pudesse me acompanhar, mas não podia. Teimeei, pedi-lhe razões, falei com tal interesse, que ele, desconfiado, fitou em mim seus olhos e disse:

— Foi mamãe que lhe pediu.

— Não digo que não; foi ela mesma. Tinha lhe dito que pretendia ir à Europa daqui a alguns meses, e ela então me falou do senhor e das vezes que já lhe aconselhou uma viagem. Qual o espanto?

Félix conservou os olhos espetados em mim, como se quisesse descer ao fundo da minha consciência. Depois de alguns instantes, respondeu secamente:

— Nada. Não posso ir.

— Por quê?

Aqui, ele teve um gesto quase imperceptível de orgulho ofendido; achou naturalmente esquisita a curiosidade de um estranho. Mas, ou fosse dele, ou do meu caráter sacerdotal, vi desaparecer logo esse pequeno impulso; Félix sorriu e confessou que não podia se separar da mãe.

Eu não devia dizer mais nada e me concentrar no exame dos papéis; mas a maldita curiosidade me espetava, e ainda falei alguma coisa; ponderei que o sentimento era digno e justo, mas que, tendo de viver com os homens, devia começar por ver os homens e não se restringir à vida simples e emparedada da

família. Além do mais, o contato com outras civilizações necessariamente nos moldaria o espírito. Escutou calado, mas sem atenção fixa, e, quando acabei, declarou:

— Bem, pode ser que me resolva; veremos. Não vai já? Então depois falaremos disso; pode ser... E o seu trabalho, está adiantado?

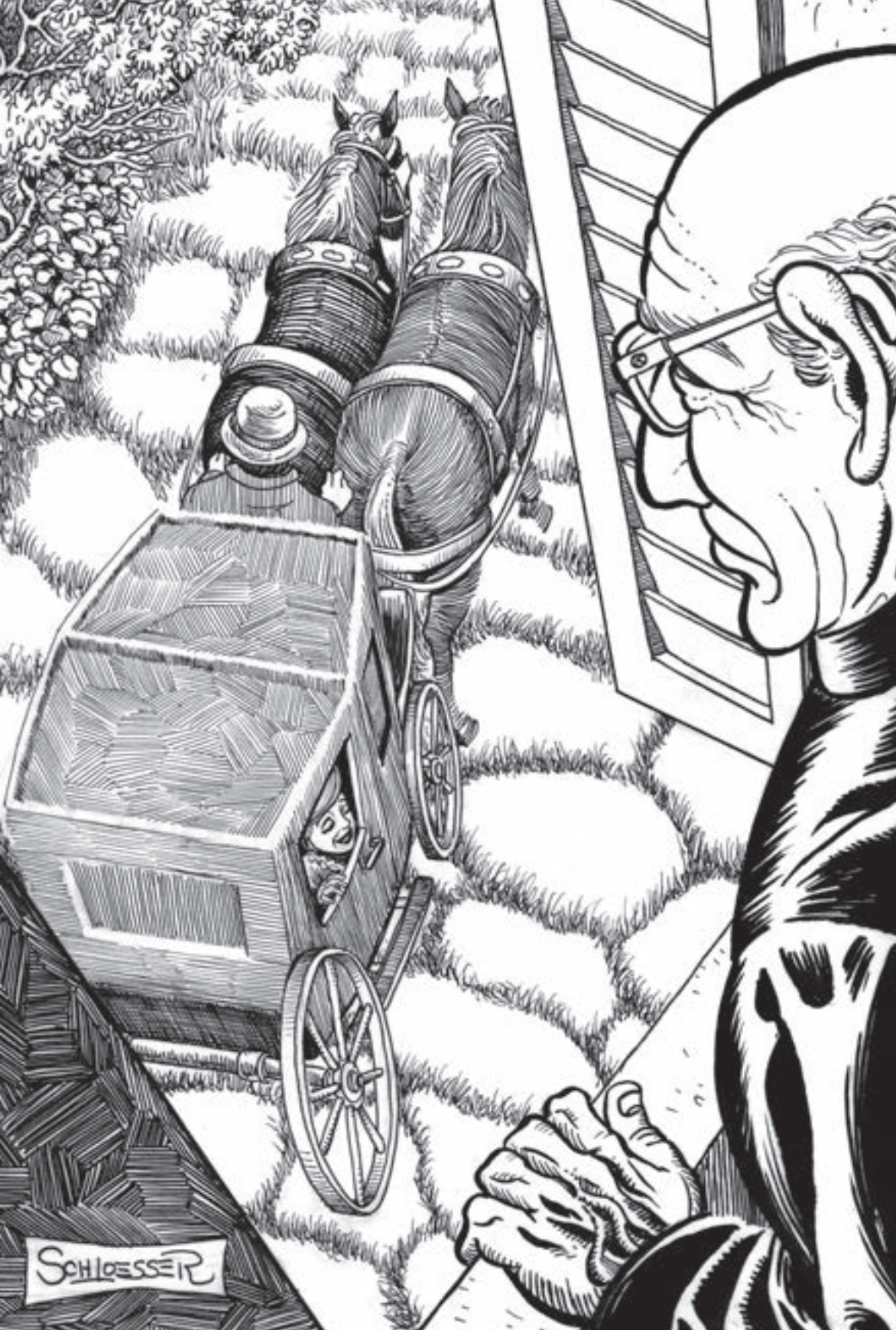
Não insisti nem voltei ao assunto, apesar da mãe, que me falou algumas vezes dele. Pareceu-me que o melhor de tudo era acelerar a conclusão do trabalho e me livrar de uma intimidade que podia trazer complicações ou desgostos. As horas que então passei foram das melhores, regulares e tranquilas, ajustadas à minha alma quieta e eclesiástica. Chegava cedo, conversava alguns minutos e me recolhia à biblioteca até a hora de jantar, que não passava das duas.

O café era servido na grande varanda, que ficava entre a sala de jantar e o terreiro das casuarinas¹⁰, assim chamado por ter uma linda fileira dessas árvores, e eu me retirava antes do pôr do sol. Félix me ajudava grande parte do tempo. Tinha todas as horas livres e, quando não me ajudava, é porque tinha ido caçar, ou estava lendo, ou teria ido à cidade a passeio ou a negócios.

Um dia, estando só na biblioteca, ouvi rumor do lado de fora. Era no começo um chiar de carro de bois, de que não fiz caso, por já o ter ouvido de outras vezes; devia ser um dos dois carros que traziam, do rancho para a Casa Velha, uma ou duas vezes por mês, frutas e legumes. Mas logo depois ouvi outro rodar, que me pareceu mais para levar pessoas, vozes trocadas e como que um encontrão dos dois veículos. Fui à janela; era isso mesmo. Uma carruagem, que tinha entrado depois do carro de bois, bateu com este no momento em que ele, para lhe dar passagem, torcia o caminho; o cocheiro não pôde controlar os animais logo, nem o carro fugir a tempo, mas não houve outra consequência além da discussão.

Quando eu cheguei à janela, o carro acabava de passar, e a carruagem percorreu logo os poucos passos que a separavam da porta que ficava justamente por baixo de minha janela. Entretanto, não foi tão pouco o tempo que eu não visse aparecer, entre as cortinas entreabertas da carruagem, a carinha alegre

¹⁰ Espécie de árvore grande.



SCHLOSSER

e sorridente de uma moça que parecia fazer pouco do perigo. Olhava, ria e falava para dentro da carruagem. Não vi mais do que seu rosto e um pouco do pescoço, mas, logo que a carruagem parou à porta, as duas cortinas de couro foram corridas para cada lado, e ela e outra desceram rapidamente e entraram em casa. “Devem ser visitas”, pensei comigo.

Voltei para o trabalho; eram onze horas e meia. Perto de uma, entrou na biblioteca o filho de D. Antônia; vinha da praça, aonde tinha ido cedo, para tratar de um negócio do tio coronel. Estava muito alegre, comunicativo, fazendo-me perguntas e não atendendo ou atendendo mal às respostas. Não me lembraria disso agora, nem nunca mais, se isso não estivesse ligado aos acontecimentos próximos, como veremos. A prova de que não dei grande importância ao estado do espírito dele é que daí a pouco quase que não lhe respondia nada e continuava vendo os papéis. Folheava justamente um maço de cópias relativas à Cisplatina¹¹ e preferia o silêncio a qualquer assunto de conversa. Félix demorou pouco, saiu, mas tornou antes das duas horas e me achou concluindo o trabalho do dia, para ir jantar. Daí a pouco estávamos à mesa.

Era costume de D. Antônia vir para a mesa acompanhando a irmã (a senhora idosa que achei na tribuna da capela, no primeiro dia em que foi ali) e assim o fez agora, com a diferença de que outra senhora a acompanhava também. Disseram-me que era amiga da família e se chamava Mafalda. Logo que nos sentamos, D. Antônia perguntou à hóspede:

— Onde está Lalau?

— Onde deve estar! Talvez brincando com o pavão. Mas, não faz mal, D. Antônia, vamos jantando; pode ser que ela nem tenha vontade de comer: antes de vir, comeu um pires de mel com farinha.

— A carruagem chegou muito tarde?, Félix perguntou à hóspede.

— Não, senhor. Ainda esperou por nós.

— Seu irmão está bom?

— Está. Minha cunhada é que anda um pouco adoentada.

¹¹ A Cisplatina é atualmente o Uruguai.

Depois da erisipela que teve pelo Natal, nunca ficou boa totalmente.

Creio que disseram ainda outras coisas; mas, não me interessando nada, nem a conversa, nem a hóspede, que era uma pessoa comum, fiz o que costume fazer em tais casos: fiquei na minha. Já tinha compreendido que a hóspede era uma das que chegaram na carruagem, que a outra devia ser a mocinha, cuja cara vi entre as cortinas, e finalmente que alguma intimidade haveria entre tal gente e aquela casa, visto que, contra a ordem da senhora, Lalau andava atrás do pavão, em vez de estar à mesa conosco. Mas, em resumo, tudo isso era bem pouco para quem tinha na cabeça a história de um imperador.

Lalau não demorou muito. Chegou entre o primeiro e o segundo prato. Vinha um pouco esbaforida; seus cabelos, que eram curtos e em cachos, voando, e quando D. Antônia lhe perguntou se não estava cansada de travessuras, Lalau ia responder alguma coisa, mas me viu e ficou calada; D. Antônia, que reparou nisso, voltou-se para mim.

— Reverendíssimo, é preciso confessar esta pequena e dar-lhe uma penitência para ver se toma juízo. Olhe que voltou há pouco e já anda naquele estado. Vem cá, Lalau.

Lalau se aproximou de D. Antônia, que ajustou a gola do seu vestido; depois foi se sentar defronte de mim, ao pé da outra hóspede. Realmente, era uma criatura adorável, magrinha, não mais de dezessete anos, dotada de um par de olhos como nunca mais vi outros, claros e vivos, rindo muito por eles, quando não ria com a boca; mas, se o riso vinha juntamente de ambas as partes, então é certo que a fisionomia humana se juntava com a angélica, e toda a inocência e toda a alegria que há no céu pareciam falar por ela aos homens. Pode ser que isso pareça exagerado a uns e vago a outros, mas não acho no momento um modo melhor de traduzir a sensação que essa menina produziu em mim. Contemplei-a alguns instantes com infinito prazer. Usei do caráter de padre para saborear toda a espiritualidade daquele rosto comprido e fresco, esculpido com graça, como o resto da pessoa. Não digo que todas as linhas fossem corretas, mas a alma corrigia tudo.

Chamava-se Cláudia; Lalau era o nome doméstico. Não tendo pai nem mãe, vivia em casa de uma tia. Quase se pode dizer que nasceu na Casa Velha, onde os pais estiveram muito tempo como agregados e aonde iam passar dias e semanas. O pai, Romão Soares, era mecânico e antes tinha sido da guarda de cavalaria de polícia; a mãe, Benedita Soares, era filha de um funcionário do rancho e, segundo me disse a própria D. Antônia, foi uma das mais bonitas mulheres que ela conheceu desde o tempo do rei.

Lalau, se não nasceu ali, ali foi criada e tratada sempre, tanto ela como a mãe; eram mais hóspedes que agregadas. Daí a intimidade desta mocinha, que chegava a desobedecer à ordem rígida da casa, não indo para a mesa com a dona dela. Lalau andava na própria carruagem de D. Antônia, vivia do que esta lhe dava, e não era pouco; em compensação, amava sinceramente a casa e a família. Tendo ficado órfã desde 1831, D. Antônia cuidou de sua educação; sabia ler e escrever, costurar e bordar; aprendia agora a fazer renda.

Foi D. Antônia quem me deu essas notícias, naquela mesma tarde, ao café, acrescentando que achava bom casá-la o quanto antes; tinha a responsabilidade do seu destino, e tinha medo que lhe acontecesse o mesmo que com outra agregada, seduzida por um malandro em 1835.

Nisso, a menina veio a nós, olhando muito para mim. Estávamos na varanda.

— Vou confessá-la, eu lhe disse; mas veja se não me nega nenhum pecado.

— Que pecado, meu Deus! Cruz! Eu não tenho pecado. Nhâtônia¹² é que anda inventando essas coisas. Eu, pecado?

— E as travessuras?, perguntei-lhe. Olhe, ainda hoje, quando quase aconteceu um desastre na estrada, entre o carro de bois e a carruagem em que a senhora vinha, a senhora, em vez de ficar séria e pensar em Deus, enfiou a cabeça por entre as cortinas para fora, rindo como uma criança.

— E o que é ela senão criança?, ponderou D. Antônia.

Lalau olhou espantada.

¹² Nhâtônia é uma forma de pronunciar Senhora Antônia. Esse tipo de pronúncia era bem comum aos escravos na época.

- Onde estava o Senhor, padre?
- Estava no céu, espiando.
- Ora! Diga onde estava.
- Já disse: estava no céu.
- Adeus! Diga onde estava!
- Lalau! Que modos são esses?, repreendeu D. Antônia.

A moça se calou aborrecida; eu é que fui ajudá-la e lhe contei que estava à janela da biblioteca, quando ela chegou. D. Antônia já sabia tudo, pois ali um acontecimento de nada ou quase nada era matéria de longas conversas. Apesar disso, a mocinha falou ainda o que tinha se passado e as suas sensações alegres. Confessou que não tinha medo de nada e até que queria ver um desastre para compreender bem o que era. Como a conversa dela era em blocos, interrompeu para me perguntar se era eu quem iria agora dizer missa lá em casa, em vez do Padre Mascarenhas. Respondi-lhe que não, ela quis saber o que estava fazendo na biblioteca. Disse-lhe que fazia uma renda. Ela pareceu gostar da resposta; creio que achou entre os nossos espíritos algum ponto de contato.

A verdade é que, no dia seguinte, vendo-me entrar e ir para a biblioteca, foi falar comigo, ansiosa de saber o que eu estava fazendo. Como lhe dissesse que examinava uns papéis, ouviu-me atenta, pegou curiosa algumas notas e me dirigiu várias perguntas; mas deixou logo tudo para contemplar a biblioteca, peça que raramente se abria. Conhecia os retratos, reconheceu-os logo; ainda assim, parecia tomar gosto em vê-los, principalmente o do ex-ministro; quis saber se ela o conhecia; respondeu-me que sim, que era um bonito homem, e fardado então parecia um rei. Seguiu-se um grande silêncio, durante o qual ela olhou para o retrato e eu para ela; o silêncio se quebrou com esta frase murmurada pela moça, entre si e Deus:

- Muito parecido...
- Parecido com quem?, perguntei.

Lalau estremeceu e olhou para mim, envergonhada. Não era preciso mais; adivinhei tudo. Infelizmente tudo não era ainda tudo.



SCHLOSSER

Capítulo III

*Amor non improbat*¹³, escreveu o meu grande Santo Agostinho. A questão para ele, como para mim, é que as criaturas sejam amadas e amem em Deus. Assim, quando desconfeei, por aquele gesto, que essa moça e Félix eram namorados, não os condenei por isso e, para dizer tudo, confesso que tive uma grande alegria. Não sei bem explicá-lo; mas é certo que, sendo estranho ali e vendo esta moça pela primeira vez, a impressão que tive foi como se tratasse de velhos amigos.

Pode ser que a simpatia da minha natureza explique tudo; pode ser também que esta moça, assim como tinha fascinado o Félix para o amor, acabasse de me fascinar para a amizade. Uma ou outra coisa, a verdade é que fiquei satisfeito e os aprovei.

¹³ “Não se reprova o amor”, em tradução livre.

Entretanto, avisei que, da parte dele, não tinha visto nada, nem à mesa, nem na varanda, nada que mostrasse igual sentimento. Será que só ela o amava, e não ele a ela? A hipótese me deixou aflito.

Achava-os tão ajustados um ao outro que não acabarem ligados parecia uma violação da lei divina. Tais eram as reflexões que vim fazendo quando voltava dali nesse dia, e, para quem andava à cata de documentos políticos, não é de crer que semelhante preocupação fosse de grande peso; mas nem a alma de um homem é tão estreita que não caibam nela coisas contrárias, nem eu era tão historiador como tinha pensado. Não escrevi a história que esperava; a que trouxe de lá é esta.

Não foi difícil para mim verificar que o Félix amava a pequena. Logo nos primeiros dias me pareceu outro, mais simpático, e, à mesa ou fora dela, pude apanhar alguns olhares, que diziam muito. Observei também que essa moça, tão criança, era inteiramente mulher quando os olhos dela encontravam os dele, como se o amor fosse o amadurecimento do espírito, e mais notei que, se toda a gente a tratava de um modo afetoso, mas superior, ele tinha para com ela atenção e respeito.

Eu já não ia ali todos os dias, mas três ou quatro vezes por semana. A dona da casa, embora sempre afável, era influenciada pela impressão natural da presença constante, o que vulgariza tudo. Os dois, não; o Félix vinha muitas vezes me esperar distante da casa e, na casa, ao portão, ou na varanda, achava sempre a mocinha, rindo pela boca e pelos olhos. É bem possível que eu fosse para eles como o traço de pena que liga duas palavras; é certo, porém, que gostavam de mim.

Vai parecer estranho que não me lembrasse logo do pedido de D. Antônia para que o filho me acompanhasse à Europa e não ligasse esse esquecimento a este amor nascente: lembrei-me depois. No começo, vendo o carinho com que ela tratava a mocinha, achei que os aprovava. Mais tarde, quando me recordei do pedido, acreditei que esse amor era para ela o remédio ao mal secreto do filho, se algum havia, que não tinha querido me revelar.

Durante os primeiros dias, depois da chegada de Lalau,

nada aconteceu que valha a pena contar aqui. Félix me acompanhava no trabalho, mas com interrupções. Às vezes, se saía a algum negócio da casa, só nos víamos à mesa do jantar. Lalau não ia à biblioteca; um dia, porém, atreveu-se a entrar escondida e foi falar comigo. Suspendi o trabalho, e conversamos perto de meia hora sobre uma infinidade de coisas, presentes e passadas. Era mais de onze horas; o dia estava quente, o ar parado, a casa silenciosa; salvo um ou outro mugido ao longe, ou algum canto de passarinho. Eu, com meus estudos clássicos e a grande tendência idealista, dava a tudo a cor das minhas lembranças e da minha alma, acrescentando que a própria realidade externa — ultrapassada e formal nos móveis e nos livros, recente e graciosa em Lalau — era propícia a mudança.

Deixei-me ser levado ao sabor do momento. Notem bem que ela, às vezes, ouvia mal, ou não sabia ouvir absolutamente, com os olhos vagos, pensando em outra coisa. Outras vezes, interrompia-me para fazer um comentário inútil. Já disse também que tinha a conversa cortada e salteada. Com tudo isso, era interessante falar com ela e principalmente ouvi-la. Sabia, no meio das infantilidades **frequentes** da palavra, demonstrar a consideração que me devia; e tanto era curiosa como sincera.

— Teve medo?, ela disse.

— Como é que a senhora entrou?

— Entrando; vi o senhor aqui e vim muito devagar, pensando que não chegaria ao fim da sala sem que o senhor me ouvisse, mas não ouviu nada, todo concentrado no que está escrevendo. O que é?

— Coisas sérias.

— Nhãtônia disse que o senhor está aqui fazendo umas notas políticas para pôr num livro.

— Então, se sabia, como é que me perguntou?

Lalau encolheu os ombros.

— Fez mal, eu disse. Olhe que eu sou padre, posso lhe pregar um sermão.

— O senhor prega sermões? Por que não vem pregar aqui, na quaresma? Eu gosto muito de sermões. No ano passado, ouvi dois na igreja da Lapa, muito bonitos. Não me lembro o

nome do padre. Eu, se fosse padre, pregaria também. Só não gosto quando falam latim; não entendo.

Falou assim, cortada, uns bons cinco minutos; eu deixei, olhando só, vivendo daquela vida que jorrava dela, cristalina e fresca. No fim, Lalau se sentou, mas não ficou sentada mais de dois minutos, levantou-se outra vez para ir à janela e tornou para dentro para mirar os livros. Achou-os grandes demais; admirava como alguém que tivesse a paciência de os ler. E depois alguns eram tão velhos!

— Que tem que sejam velhos?, respondi. Deus é velho e é a melhor leitura que há.

Lalau olhou espantada para mim. Provavelmente, era a primeira vez que ouvia uma figura daquelas. Teimou depois que os livros velhos se pareciam com o antigo capelão da casa, o anterior ao Padre Mascarenhas, que andava sempre com a batina empoeirada e tinha a cara feita de rugas. Assim vieram histórias do capelão. Em nenhuma delas, nem de outras, entrava o Félix; exclusão que podia ser natural, mas que não me pareceu por acaso. Como eu lhe disse que não se deve zombar dos padres, ela ficou muito séria e atenta; depois rompeu, rindo:

— Mas não é do senhor.

— De mim ou de outro, é a mesma coisa.

— Ora, mas o outro era tão feio, tão desleixado...

Disse-lhe, com as palavras que podia, que padre é padre, qualquer que seja a aparência. Enquanto lhe falava, ela dava alguns passos de um lado para outro, acho que para sentir o tapete debaixo dos pés; não havia desse tapete senão ali e na sala de visitas, fechada sempre. De vez em quando, parava e olhava de cima as figuras desbotadas no chão; outras vezes deixava escorregar o pé, de propósito. Tinha o impulso infantil de achar prazer em qualquer coisa.

— Está bom, está bom, ela me disse finalmente; não precisa brigar comigo; não falo mais do capelão. Pode continuar o seu trabalho, vou-me embora.

— Não é preciso ir embora.

— Muito obrigada! Quer que fique olhando para as paredes, enquanto o senhor trabalha...?



SCHLOSSER

— Mas eu não estou trabalhando! Olhe, se quer que eu não faça nada, sente-se um pouco, mas sente-se de uma vez.

Lalau se sentou. A cadeira em que se sentou era uma velha cadeira com encosto de couro e pés em arco. Dali, olhava para fora, e o sol, entrando pela janela, vinha morrer a seus pés. Para não estar em completo sossego, começou a brincar com os dedos; mas parou logo, quando lhe perguntei, à queima-roupa se se lembrava da mãe. O rosto da moça perdeu instantaneamente o ar alegre e descuidado; tudo o que nele era puro se converteu em seriedade, e a criança desapareceu para só deixar a mulher com a sua saudade de filha.

Respondeu-me com uma pergunta. Como podia esquecê-la? Sim, senhor, lembrava-se dela e rezava muito por ela todas as noites, para que Deus lhe desse o céu. E com certeza estava no céu. Era boa como eu não podia imaginar, e ninguém foi nunca tão amiga dela como a defunta. Não negava que Nhâtônia lhe queria muito, e tinha provas disso, e assim também as mais pessoas de casa; mas a mãe era outra coisa. A mãe morria por ela, e quase se pode dizer que foi assim mesmo, porque apanhou uma gripe quando tratava a filha de uma febre e ficou com uma tosse que nunca mais a deixou. O doutor negou, disse que a morte foi de outra coisa; ela, porém, desconfiou sempre que a doença da mãe começou dali. Tão boa que nem quis que ela a visse morrer, para não sofrer mais do que sofria. Não pôde vê-la morrer, viu-a depois de morta, tão bonita! Tão calma! Parecia viva!

Aqui levou os dedos aos olhos; eu me levantei e lhe disse que mudássemos de conversa, que a mãe estava no céu e que a vontade de Deus era mais que tudo. Lalau me escutou com os olhos parados — ela, que os trazia como um casal de borboletas — e, depois de alguns instantes de silêncio, continuou a falar da mãe, já não da morte, mas sim da vida e particularmente da beleza. Não, eu não podia imaginar como a mãe era bonita; até parava gente na rua para vê-la. E descreveu-a toda, como podia, mostrando bem que as graças físicas da mãe, aos olhos dela, eram ainda uma qualidade moral, uma maneira de ser, alguma coisa especial e genuína que as outras mães nunca possuíram.

— Deus, que a chamou para si, eu lhe disse, sabe lá por que é que o fez. Agora tratemos dos vivos. Ela está no céu, a senhora está aqui, ao pé de pessoas que a amam...

— Oh! Eu dava tudo para tê-la ao pé de mim, na nossa casinha da Cidade Nova! A casa era isto — ela continuou levantando as mãos abertas, diante do rosto, e marcando assim o tamanho de um palmo —, ainda me lembro bem; era nada, quase nada: lá não tinha tapetes nem dourados, mas mamãe era tão boa!, tão boa! Coitada de mamãe!

— Olhe o Sol!, eu disse, procurando desviar sua atenção.

Realmente, o Sol, que ia subindo, começava a lamber a barra do seu vestido. Lalau olhou para o chão, quis recuar a cadeira, mas, sentindo-a pesada, levantou-se e veio para perto de mim, pedindo-me desculpa de tanta coisa que tinha dito e que não interessava a ninguém; e não me deu tempo de responder, porque acrescentou logo outro pedido: que não contasse nada a Nhâtônia.

— Por quê?

— Ela pode acreditar que eu disse isso por não estar bem aqui, e eu estou muito bem aqui, muito bem.

Quis segurá-la, mas a palavra não alcançou nada, e eu não podia pegar nas suas mãos. Deixei-a ir e voltei às minhas notas. Elas é que não voltaram a mim, por mais que tentasse buscá-las e transcrevê-las.

Lalau ainda tornou à sala, daí a três ou quatro minutos, para repetir o último pedido; prometi-lhe tudo o que quis. Depois, fitando-me bem, acrescentou que eu era padre e não podia rir dela nem faltar com a minha palavra.

— Rir?, eu disse em tom de censura.

— Não se zangue comigo, ela falou sorrindo; digo isso porque sou muito medrosa e desconfiada.

E, rápida, como um passarinho, deixou-me outra vez só. Desta vez não tornei às notas; fiquei passeando na longa sala, calculando as estantes, parando para mirar os livros, mas realmente pensando em Lalau. A simpatia que me arrastava para ela se transformava agora em veneração, diante daquela explosão de sensibilidade, que estava longe de esperar da parte de uma criatura tão travessa e infantil. Achei nessa saudade da mãe, tão

Casa Velha

viva, após longos anos, um documento de grande valor moral, pois o sentimento que ali lhe mostravam e o próprio contato do luxo podiam naturalmente tê-lo amortecido ou substituído. Nada disso; Lalau daria tudo para viver ao pé da mãe! Tudo? Pensei também no silêncio que me pediu, medrosa de que a achassem ingrata, e este impulso não me pareceu menos valioso que o outro; era claro que ela compreendia as conclusões possíveis de uma dor que permanece, apesar dos carinhos com que achavam tê-la eliminado, e queria poupar aos seus benfeitores o amargor de crer que empregavam mal o benefício.

Pouco depois chegou o Félix. Veio me falar; disse-me que tinha uma boa notícia, que ia mudar de roupa e voltava. Vinte minutos depois estava outra vez comigo e me confiava o plano de se eleger deputado.

— Até agora não tinha resolvido nada, mas acho que devo fazê-lo. Sigo a carreira de papai. Que lhe parece, Reverendíssimo?

— Parece-me bem. Todas as carreiras são boas, exceto a do pecado. Eu também andei com planos de entrar na Câmara algum tempo; mas não tinha recursos nem alianças políticas; desisti do emprego. E assim foi bom. Sou antes teórico que prático; gosto de escrever política, não de fazer política. Cada qual como Deus o fez. O senhor, se sair a seu pai, é que será prático, e bem prático. A coisa é para breve?

Não me respondeu nada; tinha os olhos fora dali. Mas logo depois, avisado pelo silêncio:

— O quê? Ah!, não é para já; estou arranjando as coisas. Estive com alguns amigos de jornal e parece que dá notícia. Como sabe, há muitos desgostos contra o Regente... Se o imperador já tivesse a idade de constituição é que era bom; ia embora o Regente, e o resto... Pois é verdade, creio que sim... Porém, nunca tinha pensado nisso seriamente; mas as coisas são assim mesmo... Que acha?

— Acho que fez bem.

— Em todo o caso, peço-lhe segredo; não diga nada a mamãe.

— Acha que ela não permitiria?

— Não; mas... pode ser que não se alcance nada, e para

não lhe dar uma esperança que pode falhar... E só isto.

A explicação era aceitável; prometi-lhe não dizer nada. Creio que falamos ainda de política, e da política daqueles últimos dez anos, que não era pouca nem **tranquila**. Félix não tinha certamente um plano de **ideias** e opiniões originais; através das palavras dele, eu apalpava as fórmulas e os juízos do círculo ou das pessoas com quem ele lidava para começar a carreira. Agora, o detalhe dele era a clareza e integridade de espírito precisas para só recolher do que ouvia a parte sã e justa, ou, pelo menos, a porção moderada. Nunca andaria nos extremos, qualquer que fosse o seu partido.

— Trabalhou muito hoje?, ele me perguntou quando nos preparávamos para jantar.

— Pouco; tive uma visita.

— Mamãe?

— Não; outra pessoa, Lalau, não é assim que lhe chamam? Esteve aqui uma meia hora. Podia estar três ou quatro horas que eu não me daria conta. Muito engraçada!

— Mamãe gosta muito dela, ele disse.

— Todos devem gostar dela; não é só engraçada, é boa, tem muito bom coração. Digo-lhe que coloquei de lado o Imperador, os Andradas, os Sete de Abril¹⁴, coloquei tudo de lado para ouvi-la falar. Tem coisas de criança, mas não é criança.

— Muito inteligente, não acha?

— Muito.

— De que falaram?

— De mil coisas, talvez duas mil; com ela é difícil contar os assuntos; vai de um para outro com tal rapidez que, se a gente não toma cuidado, cai no caminho. Sabe que **ideia** tive aqui, olhando para ela?

— Que foi?

— Casá-la.

— Casá-la?, perguntou ele com interesse.

¹⁴ O trecho “Os Andradas” refere-se à família proveniente da cidade de Santos, no litoral paulista, que tem como principal representante o patriarca da Independência, José Bonifácio; o trecho “Sete de Abril” refere-se ao sete de abril de 1831, quando o imperador Pedro I renuncia ao trono em favor de seu filho, Dom Pedro de Alcântara, então com cinco anos de idade, e nomeia José Bonifácio de Andrada e Silva seu tutor.

— Casá-la eu mesmo; ser eu o padre que a unisse ao escolhido do seu coração, quando ela o tivesse...

Félix não disse nada, sorriu acanhado e, pela primeira vez, suspeitei que as intenções do rapaz podiam ser bem outras das que eu achava até então, que haveria nele, talvez em vez de um marido, um sedutor. Não consigo exprimir como me doeu esta suposição. Gostava tanto da moça que era já como se fosse minha irmã, o meu próprio sangue, que um estranho ia corromper e prostituir.

Quis continuar a falar, para investigar bem sua alma; não pude, ele fugiu, e fiquei outra vez só. Nesse dia me retirei um pouco mais cedo. D. Antônia me achou preocupado, eu **disse-lhe** que tinha dor de cabeça.

As pessoas que têm meu temperamento irão me entender. Bastou que uma **ideia** se afigurasse possível a mim para que eu a acreditasse certa. Vi a menina perdida. Não houve ali uma agregada, seduzida em 1835, por um malandro, como me dissera D. Antônia? Agora não seria um malandro, mas o próprio filho da dona da casa. E assim a teima de D. Antônia em afastar o filho do Rio de Janeiro se explicou, comparada com o afeto que tinha à menina. Refleti na distância social que os separava; Lalau era admitida na intimidade da família, mas o rapaz, filho de ministro e aspirante a ministro, e mais que tudo filho de casa-grande, tendo herdado o sangue do bisavô, tão orgulhoso nas veias da mãe, ia se reservar para algum casamento de outra laia. Como, porém, ela era bonita, e a natureza tem leis diferentes da sociedade, e não menos imperiosas, Félix achara um modo de conciliar umas e outras, amando sem casar.

Tudo isso que fica aí resumido foram as minhas reflexões do resto do dia e de uma parte da noite. Estava irritado com o rapaz, temia por ela e não sabia o que devia fazer. **Pareceu-me** até que não devia fazer nada, ninguém me dava direito de deduzir intenções e intervir nos negócios particulares de uma família que, de qualquer forma, enchia-me de gentilezas. Isso era verdade; mas, como eu quero dizer tudo, direi um segredo de consciência. Entre a verdade daquele conceito e o impulso de meu próprio coração, introduzi um princípio religioso e



SCHLESSER

Casa Velha

disse a mim mesmo que era a caridade que me obrigava, que no Evangelho acharia um motivo anterior e superior a todas as convenções humanas. Esse fingimento de mim para mim, eu podia o calar agora, que os acontecimentos lá vão, mas não daria uma parte da história que estou narrando, nem a explicaria bem.

Lalau não saía da minha cabeça: as palavras dela, suas maneiras, ingenuidade e lágrimas vieram em enxurrada à memória e me davam força para tentar dominar a situação e desviar o curso dos acontecimentos. No dia seguinte de manhã quis rir de mim mesmo e dos meus planos de D. Quixote, remédio **heroico**, porque o poder da risada é tal que ninguém a tolera ainda em si mesmo; mas não consegui nada. A consciência ficou séria, e a contração do riso desmanchou-se diante da sua falta de reação. Compus cinco ou seis planos diferentes, alguns absurdos. O melhor deles era avisar a tia da menina; mas rejeitei-o logo por achá-lo odioso. Em verdade, ia dissolver laços íntimos por causa de uma suspeita, que apenas podia explicar a mim mesmo. E, se era odioso, era também descuidado; podia-se supor que eu cedia a um sentimento pessoal e reprovado. Rejeitei esta segunda razão, mas me atirei à primeira e abandonei o plano.

O melhor de tudo, refleti finalmente, é observar e fazer o que puder, segundo as circunstâncias, mas de modo que evite confusão.

Tinha de ir almoçar com um padre italiano, no Hospício de Jerusalém, o mesmo que me falara da obra florentina e me dera ocasião de brilhar na Casa Velha. Fui almoçar; no fim do almoço, apareceu lá um recém-chegado, um missionário que vinha da China e do Japão e trazia muitas relíquias preciosas. Convidaram-me para vê-las. O missionário era lento na ação e generoso nas palavras, de modo que perdemos naquilo um tempo infinito, e saí de lá tão tarde que não pude ir nesse dia à Casa Velha. De noite, gripei, apanhei uma febre e fiquei cinco dias de cama.

Capítulo IV

Estava prestes a deixar a cama, quando o Félix apareceu em minha casa, pedindo desculpa de não ter vindo mais cedo, porque só na véspera ficou sabendo da minha doença. Trouxe-me visitas da mãe e de Lalau.

— Isto não é nada, eu lhe disse; e, se quer que lhe confesse, até foi bom adoecer para descansar um pouco.

— Virgem Maria! Não diga isso.

— Digo, digo. E não só para descansar, mas até para refletir. Doente, que não lê nem conversa, nem faz nada, pensa. Eu vivo só, com o negro que o senhor viu. Vem aqui um ou outro amigo, raro; passo as horas solitárias, olhando para as paredes, e a cabeça...

— A culpa é sua, ele me interrompeu; podia ter ido para



SCHLOSSER

a nossa casa, logo que se sentiu incomodado. É o que devia ter feito. Não imagina como mamãe ficou cuidadosa, quando soube que o senhor estava de cama. Queria que eu viesse ontem mesmo, de noite, visitá-lo: eu é que disse que podia estar acomodado, e a visita seria antes um aborrecimento. E a sua amiguinha!

— Lalau?

— Ficou branca como uma cera, quando ouviu a notícia; e me pediu muito que lhe trouxesse lembranças dela, que lhe desse conselho de não se descuidar, de não apanhar chuva, nem ar, nem nada, para não recair, que as recaídas são piores... Veja lá; se, em vez de se meter na cama, aqui em casa, tivesse ido para a nossa Casa Velha, lá teria duas boas enfermeiras e um leitor, como eu, para lhe ler tudo o que quisesse.

— Obrigado, obrigado; agradeço a todos, tanto a elas como ao senhor. Ficaré para a outra doença. E, na verdade, é possível que na ocasião não pensasse em nada...

— Justo.

— ...nem em ninguém. Ah!, então Lalau disse isso? Foi exatamente nela que estive pensando.

— Como assim?

Ouvi passos e vozes na sala; era o negro que trazia um padre para me visitar. Noutra ocasião, é possível que Félix se despedisse e cedesse o lugar ao padre; mas a curiosidade valeu aqui ainda mais do que o afeto, e ele ficou. O padre ficou poucos minutos, dez ou vinte, nem me lembro, dando-me algumas notícias da Igreja, contando piadas de sacristia, que o Félix escutou com grande interesse, talvez aparente, para justificar a demora. Afinal, saiu, e ficamos outra vez sós. Não lhe falei logo de Lalau; foi ele mesmo que, depois de alguma conversa, frases soltas, comentários sem valor, perguntou-me o que é que tinha pensado dela. Eu, que os observava de longe, respondi à pergunta.

— Estive pensando que essa moça é superior à sua condição, eu disse. A Senhora D. Antônia me falou de outra agregada que, há quatro anos, foi ali seduzida por um malandro. Não creio que esta faça a mesma coisa, porque, apesar da idade e do ar infantil, acho que ela tem muito juízo; creio antes que

Casa Velha

escolherá marido e viverá honestamente. Mas é aqui o ponto. O marido que ela escolher pode bem ser da mesma condição que ela, mas muito inferior moralmente, e será um mau casamento.

Félix dividia os olhos entre mim e a ponta do sapato. Quando acabei, achou que eu tinha razão.

— Não acha?, perguntei.

— Com certeza.

— Bem sei que é esquisito me meter assim nas coisas alheias...

— Nada é alheio para um bom padre como o senhor, ele disse com seriedade.

— Obrigado. Confesso ao senhor, porém, que essa moça despertou a minha piedade. Já lhe disse: tem coisas de criança, mas não é criança. Entregá-la a um homem vulgar, que não a entenda, é fazê-la morrer. Não sei se a Senhora D. Antônia fez bem em cuidar tanto da educação que lhe deu e dos hábitos com que a educa; não porque ela não se acomode a tudo, como um bom coração que é, mas porque, apesar disso, deve lhe custar muito baixar a outra vida. Olhe que não é censurar...

— Pelo amor de Deus! Sei o que é. Pensa que eu não estou com a sua opinião? Estou e muito. Mamãe é que pode ser que não esteja conosco. Já tem pensado em várias pessoas, segundo me consta, e de uma delas chegou a me falar; era o Vitorino, filho do condutor da carruagem, que conserta as carruagens. Ora veja!

— Não conheço o Vitorino.

— Mas pode imaginá-lo.

Olhei para ele um instante. Pareceu-me que estava sendo sincero; mas era possível que não, e era preciso arrancar dele a verdade. Inclinei-me e disse que já tinha um noivo em vista, muito superior ao Vitorino.

— Quem?, ele perguntou inquieto.

— O senhor.

Félix teve um sobressalto e ficou muito vermelho.

— Desculpe-me se lhe digo isto, mas é a minha opinião, e não vale mais que opinião. Há grande diferença social entre um e outro, mas a natureza, assim como a sociedade a corri-

ge, também às vezes corrige a sociedade. Compensações que Deus dá. Acho-os dignos um do outro; os sentimentos dela e os seus são da mesma espécie. Ela é inteligente, e o que lhe poderia faltar em educação sua mãe já deu a ela. Teria alguma dúvida em casar com ela?

Félix me estendeu a mão.

— Não lhe nego nada, o senhor já adivinhou tudo, ele disse. E continuou, depois de ter apertado minha mão: Que dúvida poderia ter? Ela merece um bom marido, e eu acho que não seria totalmente mau. Resta ainda um ponto.

— Que ponto?

Hesitou um instante, bateu com a mão nos joelhos duas ou três vezes, olhando para mim, como querendo adivinhar as minhas intenções.

— Resta mamãe, disse finalmente.

— Ela se opõe?

— Creio que sim.

— Mas não é certeza.

— É quase certeza. Digo-lhe tudo, como se falasse a um velho amigo de nossa casa. Mamãe percebeu, como o senhor, que nós gostamos um do outro, e se opõe. Não o disse ainda francamente, mas sinto que, em caso nenhum, permitirá nosso casamento. Esse Vitorino é um candidato inventado para separá-la de mim; da mesma forma que outros, que sei que ela já pensou. Penso que Lalau resistirá, mas temo que não seja por muito tempo... Não se lembra que mamãe já lhe pediu uma vez para me levar à Europa? Era com o mesmo fim de me afastar, distrair-me e casá-la.

— Acha isso?

— Com certeza.

— Como explica então que ela continue a ter tanto amor à pequena?

— O senhor não conhece mamãe. É um coração de pomba, e gosta dela como se fosse sua filha. Mas coração é uma coisa, e cabeça é outra. Mamãe é muito orgulhosa em coisas de família. Seria capaz de velar uma semana ou duas, à cabeceira de Lalau, se a visse doente; mas não permitiria casá-la comigo. São coisas diferentes.

Casa Velha

— Devia ser isso mesmo, disse alguns instantes depois. E murmurei baixinho as palavras que ela tinha ouvido do avô, no tempo do rei, e havia repetido mais tarde: “Uma Quintanilha não treme nunca!”.

— Nem treme, nem desce, concluiu o rapaz sorrindo. É o sentimento de mamãe.

— Seja como for, nada está perdido; arranclaremos tudo. Deixe o negócio por minha conta.

Tinha o plano feito. Se desconfiasse que as intenções dele não eram puras, ajudaria a mãe e trataria de casar a menina com outro. Sabendo que não, ia falar com a mãe para arrancar-lhe a permissão em favor do filho. Três dias depois, voltando à Casa Velha, achei nos olhos de Lalau alguma coisa mais particular que a alegria da amiga, achei a comoção da namorada. Era natural que ele lhe tivesse contado a minha promessa. Não perguntei nada a ela; mas disse-lhe rindo que parecia ter visto passarinho verde. Toda a alma subiu-lhe ao rosto, e a moça respondeu com ingenuidade, apertando minha mão:

— Vi.

Não explico a sensação que tive; lembro-me que foi de incômodo. Essa palavra inesperada, amigável e sincera, encerrando todas as energias do amor, feriu-me as orelhas como uma sílaba aguda que era. Que outra esperava e que outra queria senão essa? Não a tinha pedido, não vinha ajudar um e outro? Criatura espiritual e neutra, cabia a mim somente me alegrar com a declaração da moça, aprová-la e santificá-la diante de Deus e dos homens. Que incômodo era esse então? Que sentimento estranho vinha se mesclar à minha caridade? Que contradição? Que mistério? Todas essas interrogações surgiram do fundo de minha consciência, não formuladas dessa forma, como uma reflexão distante e fria, mas sem vínculo algum, vagas, tortas e obscuras.

Já se terá entendido a realidade. Também eu amava a menina. Como era padre, e nada me fazia pensar em semelhante coisa, o amor se insinuou no meu coração como uma cobra, e só senti sua presença pela dentada de ciúme.

A confissão dele não me faz mal; a dela é que me doeu e

me descobriu para mim mesmo. Desse modo, a causa íntima da proteção que eu dava à pobre moça era, sem o saber, um sentimento especial. Onde eles viam um simples protetor gratuito, existia um homem que, impedido de amar na terra, procurava ao menos fazê-la feliz com outro. A consciência vaga desse estado me deu ainda mais força para tentar tudo.

Capítulo V

Falei com Dona Antônia no dia seguinte. Estava disposto a pedir-lhe uma conversa particular; mas foi ela mesma que veio falar comigo, dizendo que durante a minha doença tinha acabado de fazer uns enfeites para a igreja e queria ouvir a minha opinião; estavam na sacristia. Enquanto atravessávamos a sala e um dos corredores que ficavam ao lado do pátio central, eu ia lhe falando, sem que ela prestasse grande atenção em mim. Subimos os três degraus que davam para uma vasta sala calçada de pedra. Ao fundo havia uma grande porta, que levava ao terreiro e à chácara; à direita ficava a da sacristia, à esquerda outra, destinada a um ou mais aposentos, não sei bem.

Naquela sala, achamos Lalau e o sineiro, este sentado, ela de pé.



O sineiro era um negro velho e doido. Não fazia mais que tocar o sino da capela, para a missa, aos domingos. O resto do tempo vivia calado ou resmungando. Ninguém lhe falava, embora fosse manso. Lalau era a única, entre todos, parentes, agregados ou empregados, que ia conversar com ele, **interrogá-lo**, escutá-lo, pedir-lhe histórias. E ele contava histórias a ela — muito compridas, sem sentido algum, outras quase sem nexos, lembranças vagas e embrulhadas ou sugestões do delírio.

Era curioso vê-los. Lalau perdia a agitação; ficava séria e **tranquila**, durante dez, quinze, vinte minutos, escutando-o. O Gira (nunca conheci outro nome dele) alegrava-se ao vê-la. Com a razão, tinha perdido a convivência dos outros. Vivia entregue aos pensamentos solitários, mergulhado na inconsciência e na solidão. A moça representava aos olhos dele alguma coisa mais do que uma simples criatura, era a sociedade humana e uma sombra de sombra da consciência antiga. Ela, que o sentia, dava a ele esse curto mergulho no abismo e uma ou duas vezes por semana ia conversar com ele.

D. Antônia parou. Não contava com a moça ali, ao pé da porta da sacristia, e queria falar comigo em particular, como se vai ver. Compreendi isso logo pelo desagrado do gesto, como já havia suspeitado alguma coisa ao vê-la preocupada. No momento em que chegávamos, Lalau perguntava ao Gira:

— E depois, e depois?

— Depois, o rei pegou gavião, e gavião cantou.

— Gavião canta?

— Gavião? Ué, gente! Gavião cantou: Calunga, mussanga, monandenguê... Calunga, mussanga, monandenguê... Calunga...

E o negro dava ao corpo umas sacudidas para acompanhar o canto africano. Olhei para Lalau. Ela, que ria de tudo, não se ria daquilo, parecia ter no rosto uma expressão de grande piedade.

Voltei-me para D. Antônia; esta, depois de hesitar um pouco, resolveu entrar na sacristia, cuja porta estava aberta. Lalau tinha nos visto, sorriu para nós e continuou a falar com o Gira. D. Antônia e eu entramos.

Sobre a cômoda da sacristia estavam os tais enfeites. D.

Antônia disse ao negro sacristão que fosse ajudar a descarregar o carro que tinha chegado do rancho e esperasse por ela lá.

Ficamos sós; mostrou-me duas túnicas e duas mantas; depois, sem rodeios, disse-me que precisava de mim para um grande favor. Soube na véspera que o filho andava com ideias de ser deputado; pedia-me duas coisas, a primeira é que o fizesse desistir da ideia.

— Mas por quê?, eu lhe disse. A política foi a carreira do pai, é a carreira principal no Brasil...

— Vá lá que seja; mas, Reverendíssimo, ele não tem jeito para a política.

— Quem lhe disse que não? Pode ser que tenha. No trabalho é que se conhece o trabalhador; em todo caso, deixe-me falar com franqueza, acho bom da parte dele procurar atividade em alguma coisa exterior.

D. Antônia se sentou e me apontou outra cadeira. Ficamos ambos ao pé de uma larga janela, que dava para o terreiro. Sentada, declarou que concordava comigo na necessidade que eu tinha apontado, mas ia então ao segundo favor, que não era novo; é que o levasse para a Europa. Depois da Europa, com mais alguns anos e experiência das coisas, pode ser que viesse a ser útil ao seu país...

Interrompi-a nesse ponto. Ela esperou; eu, depois de fitá-la por alguns instantes, disse-lhe que a viagem, com efeito, podia ser útil, mas que os costumes do moço eram tão caseiros que dificilmente se ajustariam às peregrinações; a não ser que adotássemos um meio-termo: enviá-lo casado.

— Não se arranja uma noiva com um simples baú de viagem, disse ela.

— Está arranjada.

D. Antônia tremeu.

— Está aqui perto; é a sua boa amiga e pupila.

— Quem? Lalau? Está brincando. Lalau e meu filho? Vossa Reverendíssima está brincando comigo. Não vê que não é possível? Casá-los assim como um remédio? Vamos falar de outra coisa.

— Não, minha senhora, vamos falar disto mesmo.

D. Antônia, que tinha dirigido os olhos para outro lado quando soltou as últimas palavras, levantou a cabeça de repente ao ouvir o que lhe disse. Creio que, depois da morte do marido, era a primeira pessoa que lhe enfrentava. Olhou-me espantada. Estava tão acostumada a governar ali, naquele mundo ilhado, sem contraste nem advertência, que não podia crer em seus ouvidos. O Padre Mascarenhas tinha lhe dito uma vez, ao almoço, que ela era a imperatriz da Casa Velha, e D. Antônia sorriu lisonjeada, com a **ideia** de ser imperatriz em algum ponto da terra. Não batia com o cetro em ninguém, mas gostava de saber que reconheciam isso.

Da minha parte, curvei-me respeitoso, mas insisti que fálássemos daquele mesmo assunto, para resolvê-lo de uma vez.

— Resolver o quê?, ela perguntou levantando com desprezo o lábio superior.

— Não vamos perder tempo em dizer coisas que nós já sabemos, continuei. Eles gostam um do outro. Esta é a verdade pura. Resta saber se poderão casar, e é aqui que não acho nenhuma razão que se oponha. Não falo de seu filho, que é um moço digno a todos os respeitos. Falo dela. Diga-me o que é que acha dela?

Não quis responder; eu continuei o que dizia, lembrei a educação que ela lhe dera, o amor que tinha por ela e principalmente falei das virtudes da moça, da delicadeza dos seus sentimentos e do jeito natural, que compensava o nascimento. Perguntei-lhe se, em verdade, acreditava que o Vitorino, filho do condutor da carruagem... D. Antônia estremeceu.

— Vejo que está informado de tudo, ela disse depois de um breve instante de silêncio. Estão conspirando contra mim. Bem; que quer de mim, Vossa Reverendíssima? Que meu filho case com Lalau? Não pode ser.

— E por que não pode ser?

— Realmente, não sei que **ideias** entraram por aqui nesses últimos tempos. São ainda lembranças do Padre Feijó. Parece mesmo mania de padres. Quer ouvir por que razão não podem casar? Porque não podem. Não lhe nego nada a respeito dela; é muito boa menina, dei-lhe a educação que pude, não sei se

mais do que era preciso, mas, enfim, está criada e pronta para fazer a felicidade de algum homem. Quer mais o quê? Nós não vivemos no mundo da lua, Reverendíssimo. Meu filho é meu filho, e, além desta razão, que é forte, precisa de alguma aliança de família. Isto não é novela de príncipes que acabam casando com mulheres da roça, ou de princesas encantadas. Faça-me o favor de dizer com que cara eu daria essa notícia aos nossos parentes de Minas e de São Paulo?

— Pode ser que a senhora tenha razão; é mania de padre, é mania até de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nasceu nas palhas...

— Sim, senhor; mas, nesse caso, que mal há em casar com o Vitorino? Filho de condutor não é gente? Diga-me! Para que ela case com meu filho, Nosso Senhor nasceu nas palhas; mas para que case com o Vitorino, já não é a mesma coisa... Diga-me!

— Mas, Senhora D. Antônia...

— Quê!, ela disse se levantando e indo até a porta que dava para a capela e depois à outra de entrada da sacristia; olhou para ver se nos ouviram e voltou.

Voltando, deu alguns passos sem dizer nada, indo e vindo, desde a porta até a parede do fundo, onde pendia uma imagem de Nossa Senhora, com uma coroa de ouro na cabeça, e estrelas de ouro no manto. D. Antônia fitou durante alguns momentos a imagem como para se defender. A Virgem coroada, rainha e triunfante, era para ela a legítima deusa católica, não a Virgem foragida e caída nas palhas de um estábulo. Estava como até então não a tinha visto. Geralmente, era calma e alguma vez imperturbável; agora, porém, mostrava-se grossa e inquieta, como se mostrasse sua natureza sem o manto do costume. A pupila estava em brasa; os movimentos eram repentinos e não sei se atrapalhados. Eu, da minha cadeira, ia acompanhando-a com os olhos, no começo arrependido de ter falado, mas vencendo logo depois esse sentimento de desânimo e disposto a ir até o fim. Passados poucos minutos, D. Antônia parou diante de mim. Quis me levantar; ela colocou sua mão no meu ombro, para que ficasse, e abanou a cabeça com um ar de censura amiga.

— Para que me falou nisso?, pergunta logo depois com

Casa Velha

doçura. Sei que fala por ser amigo de um e de outro e da nossa casa...

— Pode crer, pode crer.

— Creio, sim. Então eu não vejo as coisas? Tenho notado que é amigo nosso. Ela principalmente, parece tê-lo enfeitado... Não precisa ficar vermelho; as moças também enfeitam os padres quando querem que eles as casem com os escolhidos do coração delas. Que ela merece, é verdade; mas daí a casar é muito. Venha cá, ela prosseguiu se sentando, vamos fazer um acordo. Eu abro mão de alguma coisa, o senhor abre mão também, e acharemos um modo de combinar tudo. Confesso-lhe um pecado. A escolha do Vitorino veio de um mau sentimento; era um modo, não só de os separar, mas até de a castigar um pouco. Perdoe-me, Reverendíssimo; deixei-me levar pelo meu orgulho ofendido. Mas vamos deixar o Vitorino; concordo que não é digno dela. É bom rapaz, mas não está no mesmo grau de educação que dei a Lalau. Vamos a outro; podemos lhe arranjar empregado do foro, ou mesmo pessoa de negócio... Em todo caso, não fique contra mim; ajude-me a arranjar esta dificuldade que surgiu aqui em casa...

— Desde quando?

— Sei lá! Desde meses. Desconfiei que se namoravam e tenho feito o que posso, mas vejo que não posso muito.

— Entretanto, continua a recebê-la.

— Sim, para vigiá-la. Antes a quero aqui que fora daqui.

— Não é então porque gosta dela?

— É também porque gosto dela. Infelizmente, porque gosto dela. Quem lhe disse que não gosto dela e muito? Mas meu filho é outra coisa; entrar na família é que não.

D. Antônia tirou o lenço do bolso, para esfregar as mãos, tornou a guardá-lo e se reclinou na cadeira, enquanto eu fui lhe respondendo. Apesar de ser muito mais baixa que eu, ela tinha dado um jeito tão superior na cabeça que parecia olhar de cima.

Fui respondendo o que podia e cabia, com boas palavras, mostrando, em primeiro lugar, o problema de os deixar namorados e separados: era fazê-los pecar ou sofrer. Disse-lhe que o filho era insistente, que a moça provavelmente não teimaria

em se tornar sua esposa, sabendo que era desagradável à sua benfeitora, mas também podia acontecer que o desdém a irritasse e que a certeza de dominar o coração de Félix lhe sugerisse a **ideia** de roubá-lo da mãe. Ainda tinha a educação, ponto em que insisti, a educação e a vida que levava e que tornariam doloroso para ela ficar com uma criatura inferior.

Finalmente — e aqui sorri para lhe pedir perdão — finalmente, era mulher, e a vaidade, insuportável nos homens, era na mulher um pecado tanto pior quanto lhe ficava bem; Lalau não seria uma exceção. Herdar, junto com o marido, o prestígio que tinha a Casa Velha acabaria por lhe dar força e fazê-la lutar. Aqui parei; D. Antônia não me respondeu nada, olhava para o chão.

Como estávamos de costas para a janela e calados algum tempo, fomos acordados do silêncio pela voz de Lalau que vinha do lado do terreiro. Voltamos a cabeça; vimos a moça repreendendo dois moleques, crias da casa, que puxavam o sineiro pela casaca, uma velha casaca que o Félix tinha lhe dado alguns dias antes. O sineiro, resmungando sempre, atravessou o terreiro, tomou à direita para o lado da frente da capela e desapareceu: Lalau pegou na gola da camisa de uma das crias e na orelha da outra e impediu que elas fossem atrás do pobre-diabo.

Olhei para D. Antônia, para ver que impressão o ato da moça lhe dera. Mal começava a fitá-la, reparei que franzia a testa, não sei até se empalidecia; tornando a olhar para fora, tive a explicação do abalo. Vi o filho de D. Antônia ao pé da moça; acabava de chegar ao grupo. Lalau explicava a ele naturalmente a ocorrência; Félix escutava calado, sorrindo, gostando de vê-la assim cheia de compaixão, e, afinal, quando ela acabou, inclinou-se para dizer alguma coisa aos moleques. Nós o vimos depois pegar em um destes e aproximá-lo de si, enquanto a moça ficou com o segundo; e, colocado esse pretexto entre eles, começaram a falar baixinho.

D. Antônia recuou depressa para que não a vissem. Creio que era a primeira vez que eles lhe apresentavam semelhante quadro. Recuou levantando-se e foi para o lado da cômoda; eu



SCHLOSSER

continuei a observá-los. Não se podia ouvir nada deles, mas era claro que falavam de si mesmos. Às vezes a boca interrompia os salmos, que ia dizendo, para deixar os versículos aos olhos; logo depois recitava o cântico. Era a eterna aleluia dos namorados.

Feri-me, não tirei a vista do grupo; precisava matar em mim mesmo, pela contemplação direta da desesperança, qualquer má sugestão da carne. Olhei para os dois, adivinhei o que estariam dizendo e, pior ainda, o que estariam calando, que se podia ler nos seus rostos e nas maneiras. Lalau era agora mulher apenas, sem nenhuma das coisas de criança que a caracterizavam na vida de todas as horas. Com as mãos no ombro do moleque, ora fitava os olhos no cabelo deste, ouvindo somente as palavras de Félix, ora erguia-os para o moço, a fim de vê-los calados ou falando. Ele é que olhava sempre para ela atento e fixo.

Entretanto, D. Antônia tinha se aproximado outra vez da janela, por trás de mim e de mais longe, confiada no esconderijo da sacristia. Voltei-me e lhe disse que a nossa espionagem era de direito divino, que o próprio céu nos permitira aquela inconveniência. D. Antônia, em geral contrária às sutilezas do pensamento, não podia agora penetrá-las; pode ser até que nem me ouvisse. Continuou a olhar para os dois, ansiosa de os perceber, com medo de os adivinhar.

— Uma coisa terá de concordar, eu lhe disse, terá de concordar que eles parecem ter nascido um para o outro. Olhe como se falam. Veja os modos dela, a dignidade, e ao mesmo tempo a doçura; ele parece até que quer fazer esquecer que é o herdeiro da casa. Não sei até se lhe diga uma coisa; digo se me permitir...

D. Antônia voltou os olhos para mim com um ar interrogativo e amável.

— Digo-lhe que, se alguém trocasse os papéis, e fizesse dela sua filha, e dele o advogado da casa, ninguém teria nenhuma objeção.

D. Antônia se afastou da janela, sem dizer nada; depois

Casa Velha

tornou a ela, curiosa, interrogando a fisionomia dos dois. No fim de alguns minutos, não tendo esquecido as minhas últimas palavras, argumentou em resposta com ironia e tristeza:

— Advogado? Creio que é muito; diga logo condutor de carruagem.

Fiz um gesto de tristeza. E lhe pedi que me desculpasse a conversa; não queria dizer nada mais senão que a dignidade da moça ia fazer que ela se achasse dona da casa, ao passo que as maneiras respeitadas dele, que ficavam tão bem nele, poderiam fazê-lo acreditar em outra coisa; mas outra coisa educada, notasse bem. D. Antônia me ouvia distraída e agitada, olhando para fora e para dentro; e quando afinal os dois se separaram, indo ele para o lado da frente da capela, que se ligava com o caminho público, e ela para a parte oposta, a fim de entrar em casa, D. Antônia sentou-se na cadeira em que estivera antes e respirou profundamente. Abanou a cabeça duas ou três vezes e me disse sem olhar para mim:

— Não tenho de que me queixar; a culpa é toda minha.

De repente, voltou a cabeça para o meu lado e me fitou. Tinha a aparência um tanto alterada, como que iluminada, e esperei que me dissesse alguma coisa, mas não disse. Olhou, olhou, recuperou a fisionomia e se levantou.

— Vamos.

Não obedeci logo; imaginei que ela acabava de achar algum plano para cumprir a sua vontade e confessei isso a ela sem disfarçar. D. Antônia respondeu que não, não tinha achado nem ia buscar nada e me convidou para sair. Insisti na **ideia**, acrescentando que, se cogitava dar um golpe, melhor seria me avisar, para que a convencesse do contrário e eles não fossem apanhados de supetão. D. Antônia ouviu sem interromper e não respondeu logo, mas, daí a alguns segundos, com palavras não claras e seguidas, senão difíceis e de sentido duvidoso. Contava comigo ao lado dela, desde que soubesse a verdade... mas que a apoiasse já... depois... então...

— A verdade?, eu repeti. Que verdade?

— Vamos embora.

— Diga-me tudo, a ocasião é única, estamos perto de Deus...

D. Antônia tremeu ouvindo esta palavra, e foi saindo da sacristia com pressa; levantei-me e saí também. Achei-a a dois passos da porta; disse-me que ia ver os aposentos da frente, porque teria hóspedes, e foi andando; eu descí os degraus de pedra, atravessei o pátio da cisterna e me recolhi à biblioteca. Recolhi-me alvoroçado. Que verdade seria aquela, que tinha sido anunciada, tal verdade que me faria trocar de papel, desde que eu a conhecesse? Era preciso arrancá-la de D. Antônia, e a melhor ocasião estava perdida.

Capítulo VI

No dia seguinte, fui mais cedo para a Casa Velha, a fim de chegar antes dos hóspedes que D. Antônia esperava, mas já os achei lá; tinham chegado na véspera, ao entardecer. Um deles, o Coronel Raimundo, estava na varanda da frente, conheceu-me logo, e veio a mim para saber como ia a história de Pedro I. Sem esperar pela resposta, disse que podia me dar boas informações. Conhecera muito o imperador. Tinha assistido à dissolução da Constituinte; estava, por sinal, nas galerias durante a sessão permanente e ouviu os discursos do Montezuma¹⁵ e dos outros, comendo pão e queijo, à noite, comprados na Rua da Cadeia; uma noite dos diabos.

— Vossa Reverendíssima vai escrever tudo?

¹⁵ Francisco Jê Acaiaba de Montezuma, primeiro e único visconde de Jequitinhonha. Foi advogado, jurista e político brasileiro.

— Tudo o que souber.

— Pois eu lhe darei alguma coisa.

Começamos a passear ao longo da varanda grande. Egoísmo de letrado! A esperança de alguns documentos e histórias para o meu livro pôs de lado a principal questão daqueles dias; entreguei-me à conversa do coronel. Já sabemos que era parente da casa; era irmão de um cunhado do marido de D. Antônia e tinha sido muito amigo e familiar dele. Falamos cerca de meia hora; contou-me muita coisa do tempo, algumas delas arrancadas por mim, porque ele nem sempre via a utilidade de um episódio.

— Oh!, isso não tem interesse!

— Mas diga, diga, pode ser, insistia eu.

Então ele contava o que era uma visita, uma conversa, um dito, que eu recolhia de cabeça para colocar no papel, como fiz algumas horas depois. Raimundo foi se sentindo lisonjeado com a **ideia** de que eu ia imprimir o que estava me contando e desceu a detalhes insignificantes, casos velhos e finalmente às piadas dele mesmo e às partes da sua vida militar.

— Nhãtônia, ele disse vendo a parenta entrar na varanda, este seu padre sabe onde tem a cabeça.

D. Antônia fez um gesto afirmativo e seco, mas, logo depois, para não me ofender, falou sorrindo que sim, que tanto sabia onde tinha a cabeça como o coração. Lalau e as duas filhas do coronel vieram de fora, veio de dentro uma senhora idosa, arrastando um pouco os pés e dando o braço a uma moça alta e fina.

— Venha para cá, baronesa, disse-lhe D. Antônia.

Apresentaram-me às suas damas. Soube que a baronesa era avó da moça que a acompanhava. Esperava-se que viriam do município de Pati do Alferes dez ou doze dias depois; mas vieram antes para assistir à festa da Glória. Foi o que entendi ali mesmo pela conversa dos primeiros minutos. A baronesa tinha se sentado de costas para uma das colunas, na cadeira rasa que lhe deram, ajudada pela neta, que a acomodou nos mínimos detalhes. Observei-a por alguns instantes. Os dois cachos brancos e grossos, pelas faces abaixo, eram da mesma

cor da touca de cambraia e rendas, os olhos eram castanhos e não inteiramente apagados; tinham lá seus momentos de brilho, principalmente se ela falava em política.

— Sinhazinha¹⁶, o livro?, perguntou ela à neta.

— Está aqui, vovó.

— É o mesmo da outra vez, Nhâtônia?

Era a mesma novela que tinha lido quando esteve ali um ano antes e queria reler agora: era o *Saint Clair das lhas ou os Desterrados na Ilha da Barra*¹⁷. Meteu a mão no bolso e tirou os óculos, depois a caixa de rapé e pôs tudo no colo. Raimundo, passeando a mão pela barba, disse rindo:

— Bem, as senhoras vão conversar e nós vamos a um jogo. Valeu, Reverendíssimo?

Fiz um gesto concordando.

— Félix é um parceirão, e Nhâtônia também; mas vamos só os três. Nunca jogou com o Félix? Vai ver que ele é fino como trinta diabos; lá no rancho dá pancada em todo mundo. Igual ao pai. Se algum dia entrar na Câmara, creia que vai fazer um figurão, como o pai, e talvez mais. E olhe que acho tudo pouco para enfrentar a terra com a tal regência do Sr. Pedro de Araújo Lima¹⁸...

— Lá vem o coronel com as suas **ideias** de grandeza, disse a velha baronesa abrindo a caixa de rapé e me oferecendo uma pitada, que recusei. Acha que o Araújo Lima vai mal? Preferia o seu amigo Feijó?

Raimundo argumentou uma, duas vezes, enquanto eu voltava a atenção para Sinhazinha, que, depois de ter acomodado a avó, tinha ido se sentar com as outras moças.

Sinhazinha era o oposto de Lalau. Gestos pausados, atitudes quietas; não tinha nos olhos a mesma vida que se derramava e abrangia todas as coisas e cantos, como os olhos da outra. Era bonita, e a elegância de sua pessoa dava um ar

¹⁶ Sinhazinha, ou sinhá-moça, era como os escravos chamavam as filhas dos senhores. Neste trecho, como é a avó que fala, pode ser lido apenas como “Senhora”.

¹⁷ Famoso romance inglês à época, de autoria de Elizabeth Helme.

¹⁸ Pedro de Araújo Lima, visconde e depois marquês de Olinda, regente e primeiro-ministro do Império do Brasil.



SCHLASSER

superior a todas as demais senhoras ali presentes, que eram medianas ou baixinhas, com exceção de Lalau, que ainda assim era menos alta que ela. Mas essa mesma superioridade era diminuída pela doença da pessoa, cujo acanhamento, se era natural, tinha se aperfeiçoado no rancho. Não olhou para mim quando chegou, nem ainda depois de se sentar. Tinha as pálpebras caídas, ou, quando muito, levantava-as para fitar só a pessoa com quem ia falando. Como o pescoço era um tantinho alto demais, e a cabeça vivia reta, aquele gesto podia parecer artificial. Os cabelos eram o encanto da avó, que dizia que a neta era a sua alemã, porque eles eram quase ruivos; mas, além de ruivos, eram crespos e, penteados e presos sem cuidado, davam-lhe muita graça.

Gastei nesse exame não mais de dois ou três minutos. Depois, indo compará-la melhor com Lalau, vi que esta também fazia esse exame disfarçadamente. Não era a primeira vez que a via, era a segunda ou terceira, desde que Sinhazinha perdera o pai e a mãe e viera do Rio Grande do Sul para a fazenda da avó; não a viu no ano anterior, quando ela ali esteve. E acho que havia alguma diferença para melhor.

— Reverendíssimo, vamos?, disse-me o coronel, acabando de responder à baronesa.

— Vamos lá. Onde está o parceiro?

— Vamos achá-lo. Nhâtônia, ele saiu?

D. Antônia respondeu negativamente. Devia estar vendo os tecidos que vieram do rancho, ou o cavalo que tinha comprado na véspera. E descreveu o cavalo, a pedido do coronel, chegando-se ao mesmo tempo para o lado da Sinhazinha. Chegando a esta, parou, pôs uma das mãos na cabeça da moça e, com a outra, levantou seu queixo, para mirá-la de cima.

— Ai, Nhâtônia!, disse a moça. Está me deixando afobada.

D. Antônia fez uma careta de zombaria, inclinou-se e beijou a testa da moça com tanta ternura que me deu ciúmes pela outra. E se sentou entre elas todas, e todas fizeram grande festa para ela. Raimundo tinha se calado para olhar a cena, porque ele gostava muito das filhas e gostava de vê-las acariciadas também. Nisto ouvimos passos na sala ao lado, e em pouco tempo entrava na varanda o filho de D. Antônia.

— Ora, viva!, falou o coronel. Estávamos à espera de você para um jogo de cartas.

— Vá, vá, disse a baronesa, levantando os olhos do livro. O coronel está ansioso por jogar, e ainda bem, porque veio do rancho insuportável, e não me deixa ler... Então você comprou um cavalo?

Acontecimentos rápidos, palavras sem interesse ou apenas curiosas que não me consolavam da interrupção da tarefa a que era obrigado voluntariamente; mas naquele dia não foi essa a minha pior impressão. Fomos dali para a mesa do jogo, em uma sala que ficava do outro lado, ao pé do quarto do Félix. O coronel, contando os pontos, disse-nos que a baronesa estava com **ideias** de casar a neta, apesar dela ainda não ter noivo; era uma **ideia**. Parece que se sentia fraca, tinha medo de morrer sem vê-la casada; foi o que ele ouviu dizer de pessoas muito íntimas dela e até de parentes. Depois, rindo para o Félix.

— Ali está um bom arranjo para você.

— Ora!, rosou o rapaz.

— Ora o quê?, disse o coronel encarando-o, enquanto embaralhava e dava as cartas. Repito que era um bom arranjo; eu a acho bem bonita, acho-a mesmo (tape os ouvidos, Reverendíssimo!)... acho-a um peixão. O pai educou-a muito bem; e, depois, duas fazendas, pode-se até dizer três, mas uma delas tem andado para trás. Duas grandes fazendas, com setecentas cabeças, ou mais; terra de primeira qualidade; muita prata... Não há outro herdeiro...

— Solo!¹⁹, interrompeu o moço.

Ambos passamos; ele jogou e perdeu. Não tinha jogo, foi um modo de interromper o discurso do parente. Mas o coronel era daqueles que não esquecem nada, e daí a pouco tornou ao assunto, para dizer que ele, apesar de adoentado, se a moça quisesse, a tomava como esposa; e logo rejeitou a **ideia**. Não, não podia ser, estava velho, não era mais quem tinha sido no tempo do rei, e ainda depois. E já ia contar uma aventura de 1815, quando o parente, em respeito a mim, disse-lhe que jogasse ou íamos embora...

¹⁹ Solo é um tipo de jogo de cartas. Dizendo “solo!”, o jogador anuncia uma jogada importante.

Pela minha parte, estava aborrecido. A opinião do coronel, relativa à conveniência de casar o parente com Sinhazinha, e as mostras de ternura de D. Antônia para com esta me fizeram crer que podia haver alguma coisa sendo planejada; mas, ainda que nada houvesse, Raimundo, extrovertido como era, chegaria a insinuá-lo a sua parente. Era uma solução. Ignoro se Félix também desconfiava da mesma coisa; é certo, todavia, que jogou distraído e calado — durante alguns minutos —, o que fez com que o coronel nos dissesse de repente que estávamos no mundo da lua, que não tinha vindo para ficar carrancudo e que ou jogássemos ou ele ia às francesas da Rua do Ouvidor²⁰.

Ainda uma vez, Félix interrompeu a imaginação libertina do tio. Para desviá-lo dali, falou de outros atrativos, de um mágico famoso cujo nome enchia então a cidade e que tinha se esquecido completamente, de bailes de máscaras e teatros. Contou-lhe o enredo dos dramas que andavam então em cena e se referiu a certa farsa²¹, que tinha divertido muito o coronel, na última vez que viera do rancho. Raimundo acreditava muito nas ficções da poesia; ouvia-as como quem ouve a notícia de uma facada. Não era mau homem e era excelente pai; disse logo que não perderia nada e levaria ao teatro as suas amadas. Assim chamava às filhas.

Jogamos até perto da hora de jantar. Enquanto eles iam à cocheira, ver os animais chegados, dirigi-me para a sala principal, onde achei D. Mafalda, a tia da Lalau, que vinha buscá-la para ir com ela às novenas da Glória²²; a moça voltaria depois da festa. Pareceu-me que Lalau ia obedecer sem vontade; e, por outro lado, não ouvi nenhuma objeção da parte de D. Antônia. Só estavam as três; as hóspedes tinham se recolhido por alguns instantes. Raimundo e Félix entraram pouco depois, o primeiro me convidando para ir passear com ele e o sobrinho, a cavalo.

— Mas, se eu não sei montar...

— Não diga isso! Então vamos nós dois, continuou voltando-se para o sobrinho. Nhâtônia vai...

— Eu não.

²⁰ As francesas da Rua do Ouvidor eram as modistas da época.

²¹ Peça popular cômica, cheia de dizeres engraçados, situações ridículas, etc.

²² Evento religioso.

— ...vai Sinhazinha. Sinhazinha é ótima “cavaleira”.

Outra vez este nome! A gente como eu, quando teme alguma coisa, relaciona a essa coisa os acontecimentos mais distantes e as circunstâncias mais casuais. Fui acreditando que o coronel era efetivamente um desbravador e temendo que o Félix não resistisse por muito tempo à oferta de uma noiva distinta e graciosa e da riqueza que viria com ela. Olhei para ele; vi-o falando com a tia de Lalau.

— Valeu?, perguntou-lhe o coronel de longe.

— Hoje, não. Bem, amanhã, depois do almoço.

— A senhora não perde as novenas da Glória, disse Félix a Mafalda.

— É minha devoção antiga; e gosto de ir com Lalau, por causa da mãe, que também era muito devota de Nossa Senhora da Glória. Lembra-se, Nhãtônia? Mas pode deixar, no dia 16 estamos por aqui.

— Não, interrompeu Félix, venham jantar no dia da Glória; venham de manhã. Temos missa na capela, e que diferença há entre a missa cantada e a rezada? Não é, Reverendíssimo?

Fiz um gesto concordando. D. Antônia, porém, mordeu o lábio inferior e não teve tempo de intervir, porque a tia da moça concordou logo em trazê-la no dia 15 de manhã. Lalau lhe agradeceu com os olhos. Apesar da disposição do moço, fiquei desconfiado. Ao jantar, acharam-me preocupado; respondi somente que era arrependimento de ter gasto o melhor do dia com o jogo, em vez de ficar no trabalho, e anunciei a D. Antônia que, em breve, teria concluído as pesquisas. Caindo a tarde, Lalau e a tia se despediram, e eu me ofereci para acompanhá-las. Não era preciso: D. Antônia tinha mandado aprontar a carruagem.

— Nhãtônia quer se dar sempre a esses incômodos, disse agradecendo Mafalda.

— Eu não, disse D. Antônia rindo.

A carruagem, em vez de pegá-las ao pé da porta que ficava por baixo da sala dos livros, veio recebê-las diante da varanda, onde nos achávamos todos. O constrangimento de Lalau era visível. Se preferia a mãe a tudo, como tinha me dito uma vez,

Casa Velha

penso que preferia D. Antônia e a Casa Velha à companhia da tia; ainda mais agora com a presença de hóspedes, a variedade de vida que eles traziam à Casa Velha; finalmente, pode ser também, sem afirmá-lo com certeza, que tivesse receios idênticos aos meus.

Despediu-se com pena. D. Antônia, embora fosse contrária a ela, é certo que ainda a amava, deu a mão para que ela beijasse e, vendo-a ir, puxou-a para si e beijou-a na cara uma e muitas vezes.

— Cuidado, nada de travessuras!, disse-lhe.

Tia e sobrinha desceram os degraus da varanda e, quando eu ia ajudá-las a entrar no carro, atravessou na minha frente o filho da dona da casa, que deu a mão a uma e outra, cheio de respeito e graça.

— Adeus, Nhâtônia!, disse a moça metendo a cabeça entre as cortinas de couro da carruagem e fechando-as, depois de me dizer adeus com os olhos.

Eu, que estava no topo da escada, correspon-di-lhe igualmente com os olhos e voltei para as outras pessoas, enquanto a carruagem ia andando e o moço subia os degraus.

— Nhâtônia, disse o coronel rindo, este seu filho dava para assistente pessoal do palácio.

D. Antônia, escandalizada, tinha entre as sobrancelhas uma ruga e olhou sombria para o filho. Quero acreditar que este acontecimento foi a gota que fez transbordar do espírito de D. Antônia a determinação que vou dizer.

Capítulo VII

Era na varanda, na manhã seguinte. Quando cheguei ali, vi D. Antônia só, passeando de um para outro lado; a baronesa tinha se recolhido, e os outros tinham saído a cavalo, depois de alguma espera para que eu os visse; mas cheguei tarde; por que é que não fui mais cedo?

— Não pude: estive me informando das más notícias que vieram do Sul.

— Sim?, perguntou ela.

Contei-lhe o que havia, sobre a rebelião; mas os olhos dela, sem curiosidade, vagavam sem ver, e, logo que percebi, parei de repente. Ela, depois de uma pausa:

— Ah!, então os rebeldes...

Repetiu a palavra, murmurou outras, mas sem poder vinculá-las entre si, nem dar-lhes o calor que só o real interesse possui. Tinha outra rebelião em casa, e, para ela, a crise

Casa Velha

doméstica valia mais que a pública. É natural, pensei comigo; e tratei de ir aos meus papéis. Ao pedir licença, vi-a olhar para mim, calada, e segurar-me pelo pulso.

— Aonde vai?, disse finalmente.

— Vou ao trabalho.

D. Antônia hesitou um pouco; depois, decidida:

— Ouça-me!

Respondi que estava às suas ordens e esperei.

D. Antônia passou a mão pelos olhos, sacudiu a cabeça e me perguntou se não suspeitava da causa definitiva do impedimento entre o filho e Lalau.

— Da causa definitiva?

— Sim, ela murmurou, com medo, baixando e erguendo os cílios, como envergonhada.

Confesso que a suspeita de que Lalau era filha dela tomou meu espírito, mas varri-a logo por ser absurda; deduzi que ela o diria antes à própria moça do que a outro homem, ainda que padre. Não, não era isso. Mas então o que era? Tive outra suspeita e lhe pedi que me dissesse, que me explicasse...

— Está explicado.

— Seu marido...?

D. Antônia fez um gesto afirmativo e desviou os olhos. Tinha a cara fechada. Quis ir para dentro, mas recuou, deu alguns passos até o fim da varanda, voltou e foi se sentar na cadeira que ficava mais perto, entre duas portas; apoiou os braços nos joelhos, a cabeça nas mãos, e ficou ali. Eu, espantado, não achava nada que dissesse, nada, coisa nenhuma; olhava para o ladrilho, à toa; e assim ficamos por um longo tempo. **Acordou-nos** um moleque, vindo pedir uma chave à senhora, que lhe deu o molho delas e ficou ainda sentada, mas sem pousar a cabeça nas mãos. A expressão do rosto não era propriamente de tristeza ou de desânimo, mas de constrangimento, e pode ser também que de ansiedade; e não reparei logo nisso, mas depois, recapitulando as palavras e os gestos. Fosse como fosse, não me passou pela cabeça que aquele impedimento moral e canônico podia ser uma simples conversa.

Caminhei para ela, estendi-lhe as mãos, ela me deu as suas e, apertando-as, disse-lhe que não devia ter juntado o andamento das circunstâncias à fatalidade do nascimento; não devia tê-los levado, pelo descuido, ao ponto em que estavam, para agora separá-los de vez. D. Antônia murmurou algumas palavras de explicação: acanhamento, confiança, esperança, a **ideia** de casá-la com outro, a de mandar o filho à Europa... Suas mãos tremiam um pouco; e, talvez por ter sentido isso, puxou-as e cruzou os braços.

— Bem, eu lhe disse, agora é separá-los.

— Custa-me muito, porque eu gosto dela. Eduquei-a como filha.

— É urgente separá-los.

— Aqui é que Vossa Reverendíssima podia me prestar um grande favor. Não me atrevo a fazer nada; não sei mesmo o que poderia fazer. Vossa Reverendíssima, que gosta muito deles, e creio que de mim também, é que acharia algum arranjo. Meu filho está resolvido a ir adiante; mas a sua intervenção... Posso contar com ela?

— Minha intervenção tem sido excessiva. Vim receber um favor e me acho no meio de um drama. Era melhor que tivesse me limitado a recolher papéis.

— Não diga mais nada; acabou-se. Demais, um padre não pode se arrepender do benefício que tentou fazer. A intenção era generosa; mas o que passou, passou. Agora é dar remédio. Será tão egoísta que me não ajude? Não tenho outra pessoa; o coronel é um desorientado... E depois, por mim só, não faço nada... Ajude-me.

D. Antônia falava baixinho, com medo de que nos ouvissem; chegou a se levantar e ir espiar uma das portas, que davam para a sala. Não julguei mal a precaução, que era natural; e, quando ela, voltando a mim, parou e me interrogou de novo, respondi-lhe que precisava me equilibrar primeiro; a revelação tinha me abalado. Aqui desviou os olhos.

— Não é nada que leve à morte, acrescentei. Lalau está fora por alguns dias; pensarei lentamente. Ajudá-la? Serei obrigado a isso, agora que a situação mudou. Se não dei razão ao

sentimento que os liga, é certo que o aprovei e estava pronto a santificá-lo. A senhora foi muito descuidada.

— Confesso que fui.

— Vai agora desgraçá-los.

D. Antônia faz um gesto com a boca, que podia parecer meio sorriso, mas era **tão somente** expressão de incredulidade. Traduzido em palavras, quer dizer que não admitia que a separação dos dois pudesse trazer-lhes algum sofrimento eterno. Tendo casado por escolha e acordo dos pais, tendo visto casar assim todas as amigas e parentas, D. Antônia mal acreditava que houvesse, ao pé desse costume, algum outro natural e anterior. Achava a princípio que a sua vontade bastava para fazer as coisas; depois, não conseguindo mais que **embaralhá-las**, cresceu naturalmente sua irritação, e afinal criou medo; mas, supôs sempre que o efeito da separação não passaria de algumas lágrimas.

— Amanhã ou depois falaremos, disse-lhe.

Fui dali aos livros. Ao entrar na sala deles, parei diante do retrato do ex-ministro, e mirei por alguns instantes aquela boca, que me parecera sedutora, desde que a vi pela primeira vez. E disse comigo, olhando para ele:

— Estás morto. Aproveitaste e descansas; mas aqui estão os frutos podres da sensualidade; e são teus próprios filhos que vão comê-los.

Estava irritado, tinha impulso de quebrar alguma coisa. Sentei-me, levantei-me, fui à janela e acabei passeando ao longo da sala, com os pensamentos soltos e confusos. Os livros, arranjados nas estantes, olhavam para mim e talvez comentassem a minha agitação com palavras maliciosas, dizendo uns aos outros que eles eram a paz e a vida, e que eu sofria agora as **consequências** de os haver deixado para entrar no conflito das coisas. Nem por sombras pensei que a revelação de D. Antônia podia não ser verdadeira, tão grave era a coisa e tão séria a pessoa.

Não percebi sequer minha cumplicidade. Na verdade, eu é que falei as palavras que ela trazia na mente; se tivesse me calado, ela chegaria a dizê-las? Pode ser que não; pode ser que lhe



SCHLESSETER

Casa Velha

faltasse ânimo para mentir. Tocado de malícia, o coração dela achou na minha compreensão um apoio e falou pelo silêncio. Assim é a vida humana: um nada basta para complicar tudo.

Meia hora depois, ou mais, ouvi barulho do lado de fora, cavalos que chegavam lentamente: eram os passeadores. Fui à janela. Uma das filhas do coronel vinha na frente com o pai; a outra e Sinhazinha seguiam logo, com o rapaz entre elas. Félix falava a Sinhazinha, e esta ouvia olhando para ele, diretamente, como na varanda; era talvez o cavalo que devolvia à rio-grandense a posse de si mesma e a franqueza das atitudes. Todo entregue a um acontecimento, relacionei-o a outros e concluí que havia familiaridade dos dois que bem podiam vir a se amar. Sinhazinha escutava com atenção, cheia de riso, pescoço duro, segurando as rédeas na mão esquerda e dando com a ponta do chicotinho, de leve, na cabeça do cavalo.

— Reverendíssimo, falou, parando embaixo da janela o coronel, os farrapos invadiram Santa Catarina, entraram na Laguna, e os legais fugiram²³. Eu, se fosse o governo, mandava fuzilar a todos estes para puni-los...

Os empregados já estavam ali, à porta, com bancos para as moças; todos desceram dos cavalos. Daí a alguns minutos, Raimundo e Félix entravam pela sala onde eu estava, arrastando as esporas. Raimundo acho que ainda trazia o chicote; não me lembro. Lembro-me que disse ali mesmo, agarrando-me nos ombros, uma multidão de coisas duras contra Bento Gonçalves²⁴ e principalmente contra os ministros, que não prestavam para nada e deviam sair. O melhor de tudo era logo aclamar o imperador.

Se lhe dessem **cinquenta** homens — vinte e cinco que fossem — e ele, em duas horas, não pusesse o imperador no trono e os ministros na rua, estava pronto para perder a vida e a alma. Um bando de lesmas! Tudo levantado, tudo revoltado, ao Norte e ao Sul... Agora parece que iam mandar tropas, e falava-se no General Andréa para comandá-las. Tudo remendos. Sangue novo é o que se precisava... Conversa, muita conversa.

O coronel bufava; o sobrinho, para aquietá-lo, dizia algu-

²³ Referência à Guerra dos Farrapos.

²⁴ Bento Gonçalves foi militar e um dos personagens da Guerra dos Farrapos.

ma palavra, de vez em quando, mas era o mesmo que nada, se não foi pior. Irritado com as interrupções, disse-lhe que, se o pai fosse vivo, as coisas andariam de outro modo.

— Aquele não era pacífico, disse o coronel apontando para o retrato. Fosse ele vivo! Não era militar, como sabe — continuou olhando para mim —, mas era homem direito. Veja bem aqueles olhos e me diga se ali não há vida e força de vontade... Um pouco canalha, é certo, acrescentou de maneira brincalhona.

— Tio Raimundo!, suplicou Félix.

— Canalha, repito, não digo canalha para canalhice, mas para amores; era malandro com as mulheres, prosseguiu rindo e esquecendo inteiramente a rebelião. Eu, quando Vossa Reverendíssima mudar de cara e trazer outra mais alegre, vou contar-lhe algumas aventuras dele... Veja aqueles olhos! E não imagina como era vadio, sedutor...

Félix saiu neste ponto; eu fui me sentar à escrivaninha; o coronel não continuou o assunto e foi se deitar. Não me procurou mais até a hora do jantar; naturalmente porque o sobrinho o impediu de vir me perturbar na pesquisa dos papéis, como se eu tivesse papéis na cabeça. Malandro com as mulheres. Esta palavra ecoou ali por muito tempo. Malandro com as mulheres! Tudo se afigurava claro e evidente para mim.

Capítulo VIII

Não podia hesitar muito. Deixei de ir três dias à Casa Velha; fui depois e convidei o Félix para vir jantar comigo no dia seguinte. Jantamos cedo e fomos dali ao Passeio Público, que ficava perto de minha casa. No Passeio, disse-lhe:

— Sabe que sou seu amigo?

— Sei, respondeu ele franzindo a testa.

— Não se aflija; o que vou lhe dizer é antes bem que mal. Sei que gosta de sua mãe; ela merece, não só por ser mãe, como porque, se ela faz alguma coisa que parece contrariá-lo, não o faz senão em benefício seu e da verdade.

Félix tornou a franzir a testa.

— Adivinho que há alguma coisa difícil de dizer que vai me mortificar. Vamos, diga depressa.

— Digo já, ainda que me custe. E acredite que me custa, mas é preciso: esqueça aquela moça. Não me olhe assim; imagina talvez que estou finalmente nas mãos de sua mãe.

— Imagino.

— Antes fosse isso, porque então o senhor não atenderia a um nem a outro e casaria, se tivesse vontade.

— E por que não farei isso mesmo?

— Não pode ser; não pode casar, esqueça-a, esqueça-a de uma vez para sempre. Deus é que não quer isso, Deus ou o diabo, porque a primeira ação é do diabo; mas esqueça-a inteiramente. Seu pai foi um grande culpado...

Aqui ele me pediu, aflito, que lhe contasse tudo. **Custou-me**, mas revelei a ele o segredo da mãe. A impressão foi profunda e dolorosa, mas o sentimento do pudor e da religião pôde acalmá-la depressa. Quis prolongar a conversa; ele não quis, não podia, e achei natural que não pudesse; pouco falou, distraído, e despediu-se dali a alguns minutos.

Não foi para casa, como soube depois; foi andar, andar muito, revirando na memória as duras palavras que lhe disse. Só entrou em casa depois de oito horas da noite e recolheu-se ao quarto. A mãe estava aflita: tinha pressentido a minha revelação e teve medo de alguma atitude irracional; provavelmente, arrependeu-se de tudo. Certo é que, logo que soube da chegada do filho, foi vê-lo; Félix não lhe disse nada, mas a expressão do rosto mostrou a D. Antônia o estado da alma. Félix se queixou de dor de cabeça e ficou só.

Foi ele mesmo que me contou tudo isso, no dia seguinte, indo a minha casa. Agradeceu-me ainda uma vez, mas se queixou do estranho silêncio da mãe. Expliquei-lhe, a meu modo; era natural que a revelação fosse difícil para ela e não a fizesse antes de tentar qualquer outro meio.

— Seja como for, estou curado, disse ele. A noite me fez bem. O sentimento que essa menina despertou em mim converteu-se agora em outro, e acredite que pela imaginação já me acostumei a chamá-la irmã; acredite mais que acho nisto um sabor particular, talvez por ser filho único.

Apertei sua mão, aprovando. Confesso que esperava aceitação menos fácil. Achei que ia assistir a muito desespero e até lágrimas. Foi melhor assim. Ele, depois de alguns instantes, perguntou se eu acharia melhor revelar tudo à moça; também eu já tinha pensado nisso e não resolvera nada. Era difícil; mas

Casa Velha

não via como não ser assim. Depois de algum exame, concordamos em não dizer nada, a não ser em último caso.

Os dias que se seguiram foram naturalmente de constrangimento. Os hóspedes de D. Antônia notaram alguma coisa na família, que não era habitual; e a baronesa resolveu voltar para a fazenda, logo depois da festa da Glória. Sinhazinha é que não sei se reparou em alguma coisa; continuava tendo os mesmos modos do primeiro dia. A ideia de casá-la com o filho de D. Antônia começou a me parecer natural e até indispensável. Conversei com ela; vi que era inteligente, dócil e meiga, ainda que fria; parecia assim, pelo menos. Casaria com ele, ou com outro, de acordo com a vontade da avó. No dia 15, Lalau devia ir para casa, e eu, que sabia disso, não fui lá, apesar do convite especial que tivera para jantar. Não fui, não tive ânimo de ver o primeiro encontro da alegria extrovertida e agitada da moça com a frieza e o afastamento do rapaz. Deixei de ir lá cinco dias; apareci a 20 de agosto.

Capítulo IX

No dia 20, achei, realmente, tudo mudado; Lalau, triste; Félix retraído e seco. Este veio me contar o que tinha se passado e acabou dizendo que o estado moral da menina pedia a minha intervenção. De sua parte, não queria mudar a maneira de tratá-la, para não dar atenção a um sentimento condenado; não ousava também lhe dar notícia da situação nova. Mas eu podia fazê-lo, sem constrangimento e com vantagem para todos.

— Não sei, eu disse depois de alguns instantes de reflexão; não sei... Sua mãe?

— Mamãe está perfeitamente bem com ela; parece até que a trata com muito mais ternura. Eu não disse? Mamãe é muito amiga dela.

— Não terá lhe dito nada?

— Creio que não.

E depois de algum silêncio:

— Ela não lhe diria. Há confissões difíceis de fazer a outros, e impossíveis a ela; digo fazê-las diretamente à pessoa interessada. Vamos lá; tire-nos desta situação duvidosa.

— Bem; verei. Não afirmo nada, verei.

Estávamos na sala dos livros; Lalau apareceu à porta. Parou alguns instantes, depois veio de maneira ousada a mim, extrovertida e agitada, mas de propósito, por pirraça; verão que não falava com a atenção em mim, mas dispersa e olhando de modo que pudesse apanhar os gestos do rapaz. Este não dizia nada; olhava para os livros. Lalau me perguntou o que era feito de mim, por onde tinha andado, se era ingrato para ela, se esquecia; afirmando que também estava disposta a me esquecer e já tinha um padre em vista, um cônego²⁵, muito feio, cabeça grande. Tudo isso era dito de modo que me doía, e devia doer a ele também; certo é que ele não demorou muito na sala; foi até a janela, por alguns instantes; depois me disse que ia ver os cavalos e saiu.

Lalau não pôde mais se conter; logo que ele saiu, **deixou-se** cair numa cadeira, ao canto da sala, e rompeu em lágrimas. A explosão me atordoou, corri para ela, peguei suas mãos, ela pegou nas minhas, disse que era desgraçada, que ninguém mais lhe queria, que tinha sofrido muito naquele dia, muito, muito... Nunca falamos do sentimento que a entristecia agora; mas não foi preciso começar por nenhuma confissão.

— Não compreendo nada, ela dizia; só sei que sofro, que choro e que vou embora. Por quê? Sabe de algo?

Não lhe dei resposta.

— Ninguém sabe nada, naturalmente, continuou ela. Quem sabe tudo já vai caminhando para a roça. Devia ser assim mesmo; eu não valho nada, não sou nada, não tenho avó baronesa, sou uma agregadzinha... Mas então por que me enganar tanto tempo? Para brincar comigo?

E chorava outra vez, por mais que eu, defronte dela, em pé, lhe dissesse que não fizesse barulho, que podiam ouvir; ela, porém, durante alguns minutos, não atendia a nada. Quando

²⁵ Padre que pertence a alguma catedral ou igreja específica.

cansou de chorar e enxugou os olhos, estava realmente digna de pena. A expressão agora era só de dor e de abatimento; desaparecera a raiva da moça sombria que se vê trocada por outra de melhor posição. Sentei-me ao lado dela, disse-lhe que era preciso ter paciência, que os desgostos eram a parte principal da vida; os prazeres eram a exceção; disse-lhe tudo o que a religião lhe poderia lembrar para que aceitasse. Lalau ouvia com os olhos parados, ou olhando vagamente; às vezes interrompia com um sorriso. Era urgente contar-lhe tudo; mas aqui confesso que não achava palavras. Era grave a notícia; o efeito devia ser violento, porque, mesmo que ela se achasse abandonada por outra, a esperança faria ninho em algum recanto do coração, e nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa. Mas a notícia da filiação era decisiva.

Não sabendo como dizê-lo, prossegui no meu conselho vago. Ela, que no começo ouvia sem interesse, olhou de repente para mim e me perguntou se realmente estava tudo perdido. Vendo que lhe não dizia nada:

— Diga, por esmola, diga tudo.

— Vamos lá, sossegue...

— Não sossego, diga.

— Enquanto não sossegar, não digo nada. Escute, Deus escreve direito por linhas tortas. Quem sabe o que estaria no futuro?

— Não entendo; diga.

Na verdade, ninguém podia ter menos jeito ou ser mais enrolado do que eu. Não ousava dizer, e não fazia mais que estimular o desejo de ouvi-la. Lalau insistiu ainda comigo, pegou nas minhas mãos, beijou-as, e esse gesto me faz mal, muito mal. Ergui-me, dei dois passos e voltei dizendo que, não agora, por estar tão fora de si, mas depois lhe contaria tudo, tudo, que era uma coisa grave...

— Grave? Diga-me já, já.

E pegou-se a mim, que lhe dissesse tudo, jurava não contar nada a ninguém, se fosse preciso guardar segredo; mas não queria ficar sem saber. Não me dava tempo; se eu abria a boca para adiar, interrompia-me que não, que tinha de ser

Casa Velha

logo, logo; e me falava em nome de Deus, de Nossa Senhora, e me perguntava se era assim que dizia ser padre.

— Promete me ouvir quieta?

— Prometo, ela disse depressa, ansiosa.

— É bem grave o que vou lhe dizer.

— Mas diga.

Peguei na sua mão e levei-a para defronte do retrato do finado conselheiro. Era teatral o gesto, mas tinha a vantagem de me poupar palavras; disse-lhe simplesmente que ali estava alguém que não queria: o pai de ambos. Lalau empalideceu, fechou os olhos e ia cair; pude segurá-la a tempo.

Lalau tinha o sentimento das situações graves. Aquela era mais grave que as outras. Não me disse nada, depois da minha revelação, não me fez pergunta nenhuma; apertou minha mão e saiu.

Dois dias depois, foi para a casa da tia, com a desculpa de não sei que negócio de família, mas realmente era uma separação. Fui ali vê-la; achei-a abatida. A tia me falou em particular; perguntou-me se tinha acontecido alguma coisa na casa de D. Antônia; a sobrinha, interrogada por ela, tinha respondido que não; quis ir à Casa Velha, mas foi a própria sobrinha que a convenceu a não ir.

— Não houve nada, foi a sua última palavra. O que há é que é tempo de viver em nossa casa, e não na casa dos outros. Estou moça, preciso cuidar da minha vida.

D. Mafalda não achava esta razão muito apropriada. A sobrinha era tão amiga da Casa Velha, e a família de D. Antônia queria-lhe tanto, que não se podia explicar daquele modo uma retirada tão repentina. Nunca tinha ouvido dela o menor projeto a tal respeito. Ainda mais que, desde que viera, andava triste, muito triste...

Todas essas reflexões eram justas; entretanto, para que ela não chegasse a ir à Casa Velha, disse-lhe que a razão dada por Lalau, se não era sincera, era em todo caso boa. Pensava muito bem querendo vir para casa; eram pobres; ela devia se acostumar à vida pobre, e não à outra vida, que era farta e podia criar hábitos perigosos nela.

Não disse nada a ela mesma, nem era possível; falamos juntos os três na sala de visitas, que era também a de trabalho. Lalau procurou disfarçar a tristeza, mas a indiferença aparente não chegou a me convencer; concluí que o amor tinha ficado no seu coração, mesmo com o vínculo de sangue, e tive horror à natureza.

Não foi só à natureza. Continuei a aborrecer a memória do homem, causa de tal situação e de tais dores.

Na Casa Velha fui igualmente discreto. D. Antônia não me perguntou o que tinha se passado com elas, nem com o filho, e pela minha parte não lhe disse nada. O que ela me confiou, dias depois, é que a viagem de Félix à Europa não era necessária; pensava agora em casá-lo; falou-me claramente nos seus projetos relativos a Sinhazinha. A escolha parecia excelente; eu me inclinei, aprovando.

Passaram-se muitos dias. O meu trabalho estava no fim. Tinha visto e revisto muitos papéis e tomara muitas notas. O coronel voltou à Corte no meio de setembro; vinha tratar de uns imóveis. Notou a diferença: faltava a alegria da moça e sobrava a tristeza ou alguma coisa parecida do sobrinho. Não lhe disse nada; parece que D. Antônia também não.

Félix passava uma parte do dia comigo, sempre que eu ia ali; falava-me de alguns planos relativos a indústrias, ou mesmo à lavoura, não me lembro bem; provavelmente, era tudo misturado, nada havia nele ainda definido; **lembramos** que já tinha andado com **ideias** de ser deputado. O que ele queria agora era fazer alguma coisa que mexesse com ele, que lhe tirasse a dor do recente desastre. Nesse sentido, eu aprovava tudo.

Pareceu-me que o tempo ia fazendo algum efeito em ambos. Lalau não ria ainda, nem tinha a mesma conversa de outros tempos; começava a se acalmar. Ia ali muitas vezes, às tardes; ela me agradecia evidentemente a fineza. Não só gostava de mim, como achava na minha pessoa um pedaço das outras feições, da outra casa e do outro tempo. Demais, era grata a mim, embora o destino me tivesse feito portador de más notícias e destruidor de suas mais íntimas esperanças.

A **ideia** de casá-la entrou desde logo no meu espírito; e nesse sentido falei à tia, que aprovou tudo, sem adiantar mais nada. Não conhecia o Vitorino, filho do condutor da carruagem, e lhe perguntei que tal seria para marido.

— Muito bom, ela me disse. Rapaz sério, e herdará alguma coisa na morte do pai.

— Tem alguma educação?

— Tem. O pai até queria fazê-lo doutor, mas o rapaz é que não quis; disse que se contentava com outra coisa; parece que é escriturário de cartório... escriturário não sei como se diz... mentado... paramentado...

— Juramentado

— Isso mesmo.

— Bem, se puder falar com ela... sem dizer tudo... assim como se estivesse perguntando...

— Verei; pode deixar.

Dias depois, D. Mafalda me deu conta da missão: a sobrinha nem queria ouvir falar em casar. Achava o Vitorino muito bom noivo, mas o seu desejo era ficar solteira, trabalhar em costura, para ajudar a tia e não depender de ninguém; mas casar nunca.

Esta conversa me trouxe a **ideia** de refletir com D. Antônia que, uma vez que Lalau era filha de seu marido, ficava bem fazer para ela uma pequena doação que a salvasse da miséria. D. Antônia aceitou a lembrança sem hesitar. Estava tão contente com o resultado obtido que podia fazê-lo. Confessou-me, porém, que o melhor de tudo seria, feita a doação, passados os tempos e casado o filho, fazer a menina voltar para a Casa Velha. Tinha grandes saudades dela; não podia viver muito tempo sem a sua companhia. Repeti a última parte a Lalau, que a escutou comovida. Creio até que ia a deixar cair uma lágrima; mas a reprimiu depressa e falou de outra coisa.

Era uma terça-feira. Na quarta, eu devia terminar os meus trabalhos na Casa Velha e devolver os papéis, quando fiz um achado que transtornou tudo.

Capítulo X

Estava recolhendo tudo, quando dei por falta de uma nota tomada naquele dia; não era fácil reproduzir a nota, pois não a havia tirado de uma só página nem de um só livro, mas de muitos livros diferentes. O caso me aborreceu; procurei o papel de forma atrapalhada; depois recomecei com cuidado. Abria os livros com que trabalhara nesse dia, um por um, mas não achava nada. Vim achar a nota, depois, ao pé da grade da janela, prestes a cair.

Entre os livros que folheei, procurando, achava-se um relatório manuscrito, que eu tinha lido apenas em parte, não tendo lido a que continha a transcrição de documentos públicos. Pegando no livro pela lombada e agitando-o para fazer a nota cair, se ali estivesse, vi que caía um papel qualquer.

Vinha dobrado, e vi logo que era a letra do ex-ministro. Podia ser alguma coisa interessante, para os meus fins. Era um

Casa Velha

trecho de bilhete a alguma mulher, cujo nome não estava ali, e referia-se a uma criança, com palavras de tristeza. Podiam ser outros amores; podiam ser os próprios amores da mãe de Lalau. Hesitei em guardar o papel e cheguei a pô-lo dentro das folhas do relatório; mas tornei a tirá-lo e guardei-o comigo.

Reli o papel em casa; esse trecho do bilhete dizia que provavelmente nunca foi acabado nem enviado:

“Tenha confiança em mim e ouça o que lhe digo. Não faça barulho, sossegue e não fale sempre no meu nome. Venha cá o menos que puder; e não pense mais no anjinho. Deus é bom”.

Não achava nada que me explicasse coisa nenhuma; mas insisti em guardá-lo. De noite pensei que o bilhete podia se relacionar com a família da Lalau; e, como nunca tivesse dito à tia desta o motivo que a tinha separado da Casa Velha, resolvi pedir um encontro com a senhora e contá-lo.

Pedi o encontro para o dia seguinte e obtive-o no outro, muito cedo, enquanto Lalau dormia. Não hesitei em ir logo ao assunto. Contei-lhe tudo, menos o amor da sobrinha e do filho de D. Antônia, que ela, antes, fingia não saber. D. Mafalda me ouviu espantada, curiosa, querendo por fim que lhe dissesse se D. Antônia tinha ficado irritada com a descoberta.

— Não, perdoou tudo.

— Então por que houve logo esta separação?

Hesitei na resposta.

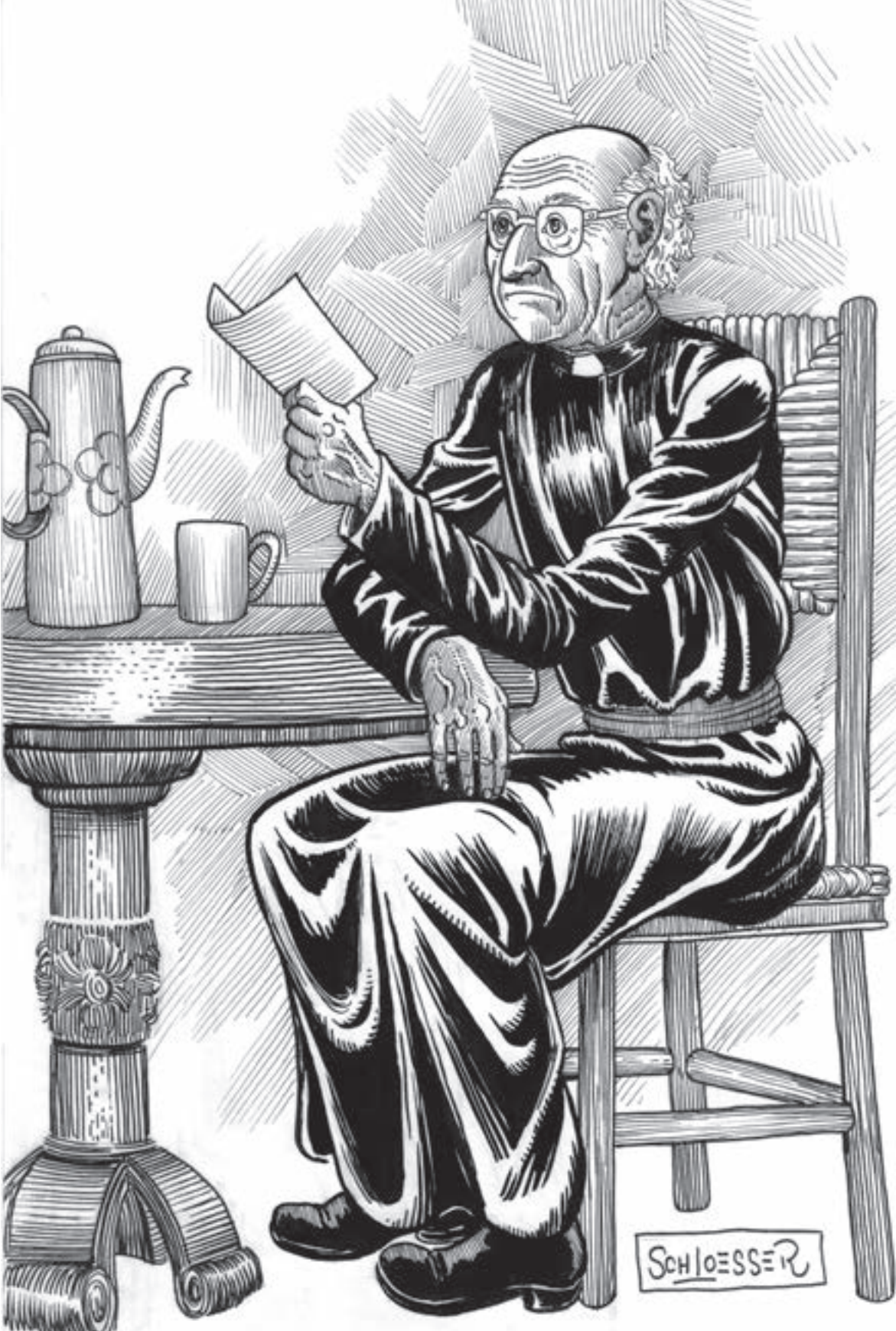
— Entendo, disse ela, entendo.

Vi que sabia tudo; mas não se perturbou com isso. Ao contrário, disse-me alegremente que, se não era mais que essa a causa da separação, tudo estava remediado.

— Conto-lhe tudo, ela me disse no fim de alguns instantes. Não diria nada em outras circunstâncias, nem sei mesmo se diria alguma coisa a outra pessoa.

D. Mafalda confirmou os amores da cunhada; mas o **ex-ministro** a viu pela primeira vez quando eles vieram do rancho, tinha Lalau três meses. Não era absolutamente o pai da menina.

Compreende-se o meu alvoroço: pedi-lhe todos os detalhes de que se lembrasse, e ela contou todos, e todos eram a confirmação da notícia que acabava de dar; datas, pessoas,



SCHLOSSER

acidentes, nada discordava da mesma versão. Ela própria apelou para os apontamentos da freguesia onde a menina tinha nascido e para as pessoas do lugar, que me diriam isto mesmo. Da minha parte, não queria outra coisa, senão o desaparecimento do obstáculo e a felicidade das duas criaturas. De repente, lembrei-me do trecho do bilhete que tinha comigo e lhe disse que, em todo caso, mal se podia explicar a crença de D. Antônia; havia realmente uma criança.

— Houve uma criança, D. Mafalda me interrompeu; mas essa morreu com poucos meses.

O bilhete estava no bolso, tirei-o e reli-o; estas palavras confirmavam a versão da morte: “não pense mais no anjinho...”.

D. Mafalda me contou então a circunstância do nascimento da criança, que viveu apenas quatro meses; depois, falou-me a longa história da paixão da cunhada que ela descobriu um dia e que a própria cunhada lhe confiou mais tarde, desesperada.

Tudo parecia claro e definitivo para ela; restava agora colocar as coisas em ordem. Mas, ao pensar nisso, avisei que, transmitida esta versão a D. Antônia, ouviria as razões que ela teria para a sua, e as versões iriam acabar combinando. Fui à Casa Velha e pedi a D. Antônia que me desse também um encontro particular. Desconfiada, respondeu que sim e foi na sala dos livros, enquanto Félix estava fora, que lhe contei o que acabava de saber.

D. Antônia me escutou no começo curiosa, depois ansiosa e afinal perturbada e sem ação. Não compreendi esse efeito; acabei, disse-lhe que a Providência tinha se encarregado de levar o fruto do pecado, e nada impedia o casamento do filho com a moça. Mas D. Antônia, agitada, não podia responder seguidamente. Não entendendo esse estado, pedi que me explicasse.

D. Antônia negou tudo no começo, mas acabou confessando o que ninguém poderia então supor. Ela não sabia os amores do marido; tinha inventado a filiação de Lalau com o único fim de evitar o casamento. Confessou tudo, francamente, alvoroçada, sem saber de si. Creio que, se descansasse por algumas horas, não me diria nada; mas, apanhada de supetão,

expôs os seus atos e motivos. A razão é que o golpe recebido fora profundo. Tinha vivido na fé do amor conjugal; adorava a memória do marido, como se pode fazer a uma santa de devoção íntima. Tinha dele as maiores provas de constante fidelidade. Viúva, mãe de um homem, vivia da felicidade extinta e sobrevivente, respeitando morto o mesmo homem que tinha amado vivo. E vai agora uma situação imprevista lhe mostrar que, inventando, acertara por outro modo, e que o que ela considerava puro na terra trouxera em si uma impureza.

Logo que a primeira emoção passou, D. Antônia me disse com muita dignidade que o passado estava passado, que se arrependia da invenção, mas enfim estava punida. Era preciso que o castigo fosse inteiro; e a outra parte dele não era mais que unir os dois em casamento. Opôs-se por arrogância; agora, por humildade, concordava com tudo.

D. Antônia, dizendo isto, fazia força para não chorar, mas a voz trêmula indicava que as lágrimas não tardavam a vir; lágrimas de vencida, duas vezes vencida — no orgulho e no amor. Consolei-a e pedi-lhe perdão.

— De quê?, perguntou ela.

— Do que fiz. Creia que sinto o papel desastrado que o destino me confiou em tudo isto. Agora mesmo, quando vinha alegre, supondo consertar todas as coisas, conserto-as com lágrimas.

— Não há lágrimas, disse D. Antônia esfregando os olhos.

Em pouco tempo estava **tranquila** e me pedia que acabasse tudo. Não podia mais tolerar a situação que ela mesma tinha criado; tinha pressa de afogar no amor sobrevivente algumas tristezas novas. Insistiu comigo para que fosse ver a moça naquele mesmo dia, ou no outro, e que a trouxesse para a Casa Velha, mas depois de saber tudo; pedia também que consertasse a revelação feita ao filho. Ela, de sua parte, não podia entrar em tais detalhes; eram penosas e indecentes a ela. Esta palavra me faz, creio eu, empalidecer; ela se apressou em explicá-la; não me encarregava de coisa indigna, mas pouco ajustada entre um filho e sua mãe. Era só por isso.

Aceitei a explicação e a missão. Não demorei muito em

Casa Velha

informar a verdade ao filho, contando-lhe os últimos acontecimentos e a face nova da situação. Félix ouviu-me alvoroçado; não queria crer, perguntava uma e muitas vezes se a verdade era realmente esta ou outra, se a tia da moça não tinha se enganado, se a nota achada... Mas eu o interrompi confirmando tudo.

— E mamãe?

— Sua mãe?

— Naturalmente, já sabe...

Hesitei em lhe dizer tudo o que tinha se passado entre mim e ela; era revelar a invenção da mãe, sem necessidade. Respondi-lhe que sabia tudo, porque tinha me dito, que estava enganada e queria desfazer o engano.

Tudo parecia caminhar para a luz, para o esquecimento e para o amor. Após tantos desastres que este negócio tinha me trazido, ia enfim ajeitar a situação e tinha pressa de o fazer e de os deixar felizes. Restava Lalau; fui lá vê-la no dia seguinte.

Lalau notou a minha alegria; eu, sem saber por onde começar, disse-lhe que realmente tinha uma boa notícia. Que notícia? Contei-lhe com as palavras adequadas e puras que a situação exigia. Acabei, disse o que tinha se passado com D. Antônia, seu pedido, a esperança de todos. Ela ouviu ansiosa — no começo, aflita — e, no fim, quando soube a verdade corrigida, deixou cair os olhos e não me respondeu.

— Vamos, senhora, disse-lhe; o passado está passado.

Lalau não se moveu. Como eu insistisse, abanou a cabeça; insistindo mais, respondeu que não, que nada estava alterado, a situação era a mesma. Espantado com a resposta, pedi-lhe que me explicasse; ela pegou a minha mão e me disse que não a obrigasse a falar de coisas que lhe doíam.

— Que lhe doem?

— Falemos de outra coisa.

Confesso que fiquei louco; levantei-me, mostrei-me aborrecido e ofendido. Ela veio a mim, muito viva, pediu-me desculpa de tudo. Não tinha intenção de ofensa, não podia tê-la; só podia agradecer tudo o que tinha feito por ela. Sabia que gostava muito dela.

— Mas não compreendo...

— Compreende, se quiser.

— Venha se explicar com a sua velha amiga; ela lhe dirá que gostou muito de não ser verdadeira a sua primeira suposição.

— Para ela, creio.

— E para todos.

— Para mim, não. Seja como for, não poderia me casar com o filho do mesmo homem que envergonhou minha família... Perdão; não falemos nisto.

Olhei assombrado para ela.

— Essa palavra é de orgulho, disse-lhe no fim de alguns instantes.

— Orgulho, não; eu não sei que coisa é orgulho. Sei que nunca gostei tanto de ninguém como da minha mãe. Não lhe disse isso mesmo uma vez? Gostava muito de mamãe; era para mim na terra como Nossa Senhora no céu. E esta santa tão boa como a outra, esta santa é que... Não; perdoe-me. Orgulho? Não é orgulho; é vergonha; creia que estou muito envergonhada. Sei que era querida na Casa Velha; e seria ali feliz, se pudesse sê-lo; mas não posso, não posso.

— Reflita um pouco.

— Está refletido.

— Reflita ainda uma noite ou duas; virei amanhã ou depois. Repare que a sua decisão pode exprimir, com relação à memória de sua mãe, uma censura ou uma afronta...

Lalau me interrompeu; não censurava a mãe; amava-a tanto ou mais que antes. E concluiu dizendo que, por favor, não falássemos mais de tal assunto. Respondi-lhe que ainda lhe falaria uma única vez; pedi-lhe que refletisse. Contei tudo a D. Mafalda e lhe disse que, na minha ausência, trabalhasse no mesmo sentido que eu.

— Tudo deve voltar ao que era; eles gostam muito um do outro; D. Antônia gosta dela como filha; o passado é passado. Cuidemos agora do presente e do futuro.

Lalau não cedeu nada à tia, nem a mim. Não cedeu nada ao filho de D. Antônia, que a foi visitar, e a quem não pôde ver

Casa Velha

sem emoção, e grande; mas resistiu. Afinal, oito dias depois, D. Antônia mandou aprontar a carruagem e foi buscá-la.

— Uma vez aqui, verá que arranjamos tudo, ela lhe disse.

Entrava já no espírito de D. Antônia um pouco de **amor-próprio** ofendido com a recusa. Lalau parece que no começo não quis acompanhá-la; nunca soube nem deste ponto, mas é natural que fosse assim. Concordou, finalmente, e foi só por um dia; jantou lá e voltou ao entardecer.

Voltei à casa delas e insisti novamente, ou só com ela, ou com a tia; ela se mantinha no mesmo pé, e, depois, com alguma impaciência. Um dia recebi recado de D. Mafalda; corri para ver o que era, disse-me que o filho do condutor, Vitorino, tinha ido pedi-la em casamento, e que a moça, consultada, respondeu que sim. Soube depois que ela mesma tinha-o encorajado a fazê-lo. Compreendi que tudo estava acabado. Félix sofreu muito com esta notícia; mas nada é eterno neste mundo, e ele próprio acabou casando com Sinhazinha. Se ele e Lalau foram felizes, não sei; mas foram honestos, e basta.